



Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo

XXXI ENCONTRO

14 de Maio de 2011



esmonserrate
escola secundária



hospital particular viana do castelo

CONSULTAS EXTERNAS DE ESPECIALIDADES

INTERNAMENTOS

CIRURGIAS

FISIOTERAPIA

NOVOS SERVIÇOS

Brevemente SAP (Serviço de Atendimento Permanente)

• **CONVENÇÕES** •

ADSE
ADM
ADVANCECARE
ALLIANZ
CGD/SS
MEDIS

SAÚDE PRIME
MULTICARE
PT/ACS
SAD/PSP
SAMS/Norte
SAMS/Quadros
SFJ (Sindicato dos Funcionários Judiciais)

ACORDOS PARA ASSISTÊNCIA A SINISTRADOS

Tranquilidade, Açoreana, Zurich, Fidelidade Mundial e Império Bonança.

Rua de São João, 640 – 4900-418 Viana do Castelo

Marcações – Tel. 258 80 80 30

www.hospitaldeviana.com | hospart@hospitaldeviana.com



SAUDAÇÃO	2
ASSEMBLEIA GERAL	
■ Convocatórias Assembleias Gerais	3
■ Plano de Actividades para 2011	3
■ Relatório da Direcção (exercício 2010)	4
■ Relatório do Conselho Fiscal	4
PROGRAMA DO 31.º ENCONTRO AAETEC 2011	5
MENSAGEM	
■ Vereadora da Cultura da Câmara Municipal	9
■ Governador Civil de Viana do Castelo	11
INICIATIVAS	
■ 13ª ARTEMAIO 2011 - artista convidado	7
■ XXX Encontro da AAETEC 2010	15 a 18
■ Saint Jean de la Ruelle - Orléans - França	21 a 29
■ Sardinhada	31
■ Passeio a Madrid	32 a 34
■ Magusto	35
■ Ceia de Natal 2010	36/37
■ Visita à Escola de Monserrate	38
■ Cruzeiro no Rio Douro	40/41
ACTUALIDADE	
■ O testemunho do melhor aluno	13
■ Escola Nova - Nova Escola - 2	39
■ Prof. Brandão - Uma merecida homenagem	45
■ Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva	47
■ É bom lembrar... Pegada Ecológica	49
■ Cruz Vermelha Portuguesa	50/51
■ Viana Taurino Clube - um clube centenário	52/53
OS NOSSOS POETAS	55 a 59
XI JOGOS FLORAIS 2010	61 a 73
MEMÓRIAS	
■ Sócios falecidos	14
VELHOS TEMPOS	75

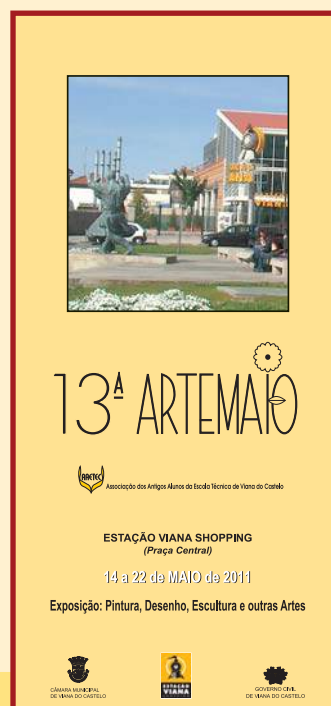


Foto da Capa



Autor da Capa: **Rui de Sousa Araújo**

Natural de Guimarães.

Dedica-se principalmente à pintura a óleo s/ tela.

Realizou diversas exposições colectivas e individuais.

Desde 2000 que participa na ARTEMAIO.

Autor do desenho da capa do livro da AAETEC "25 Anos a Evocar uma Escola Marcante da Cidade".

SAUDAÇÃO

Foi em vão.

Nos últimos anos, nesta página, tenho apregoado no sentido da mudança dos Corpos Gerentes da AAETEC.

O desinteresse dos Associados na renovação, levou-me, à última hora, a formar uma lista, para não cairmos, numa comissão de gestão da AAETEC.

Faço votos que esta situação não seja o prenúncio do fim da Associação.

Colegas, tantos anos à frente da Associação, torna-se cansativo e pouco motivador, mas estou convencido que graças ao empenho, à boa vontade e ao querer dos amigos e colegas que comigo tem servido a AAETEC, a mesma terá que continuar. Mas, pergunto, até quando?

As contas da AAETEC estão consolidadas.

Antes de terminar quero deixar uma saudação especial aos colegas, Gentil, Janeiro, Amorim, Rocha e Margarida, que por razões que só a eles diz respeito não quiseram participar nos novos Corpos Directivos. Ganhei com eles experiência e a amizade de todos. E mais, estou certo que sempre que for preciso poderei contar com eles.

Este ano, estou certo que iremos receber, no dia 14 de Maio próximo, nas novas instalações da Escola Secundária de Monserrate.

Por fim, colegas, faz-te acompanhar de um amigo, se possível antigo aluno e comparece no Convívio Anual.

Viana cá te espera.

Bem hajam.



Sérgio Marinho

Lista Candidata aos Órgãos Sociais da AAETEC

ASSEMBLEIA GERAL:

Presidente: Silvestre Luís Sampaio (Sócio n.º 99)
Vice- Presidente: João Lopes Sousa Pinto (Sócio n.º 17)
Secretário: Hernâni Felício Montes (Sócio n.º 55)

DIRECÇÃO:

Presidente: Sérgio Juraci Serra Marinho (Sócio n.º 46)
Vice- Presidente: Fernando Simão Brito Meira (Sócio n.º 94)
1º Secretário: José Manuel Barbosa Novo (Sócio n.º 338)
2º Secretário: Cristina Maria Rua da Costa (Sócio n.º 334)
Tesoureiro: Luís Alberto Ramos Bezerra (Sócio n.º 203)
Vogal: Carlos Alberto Guia Couteiro (Sócio n.º 144)
Vogal: Manuel de Jesus Chaves Gonçalves (Sócio n.º 158)

CONSELHO FISCAL:

Presidente: Rui Manuel Pimenta Salgueiro (Sócio n.º 154)
Vogal: Luís Ramiro Gigante Pinheiro (Sócio n.º 291)
Vogal: Victor Fernandes Alves (Sócio n.º 118)

Faz-te sócio da AAETEC

■ Convocaórias Assembleias Gerais

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do 1º do artº 13º e do artº 14º dos Estatutos da Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo.

CONVOCO

Os Associados para se reunirem em Assembleia Geral, Ordinária no dia 20 (vinte) de Janeiro de 2011 (dois mil e onze) pelas 18 (dezoito) horas nas instalações da Escola Secundária de Monserrate, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto um: Informações.

Ponto dois: Discutir e votar relatório de contas do exercício de dois mil e dez e o parecer do Conselho Fiscal.

Ponto três: Discutir e votar uma proposta do Plano de Actividades e Orçamento para 2011.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria simples dos Sócios com direito a voto, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número de associados.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do 2º do artº 13º e do artº 14º dos Estatutos da Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo.

CONVOCO

Os Associados para se reunirem em Assembleia Geral, extraordinária, requerida pela Direcção, no dia 20 (vinte) de Janeiro de 2011 (dois mil e onze) pelas 18,30 (dezoito e trinta) horas nas instalações da Escola Secundária de Monserrate, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto um: Suspensão de sócios com quotas por pagar até 2008, conforme lista anexa.

Ponto dois: Nos termos do artº 7º dos Estatutos, propor sócio honorário o Associado João Lopes Sousa Pinto e a Escola Secundária de Monserrate.

Ponto três: Alteração do artº 6º dos Estatutos na parte “sendo a quota em vigor de €1,00 por mês” para “sendo a quota anual de €15,00”.

Ponto quatro: Voto de louvor e agradecimento ao Jornal “Aurora do Lima” e ao Associado Carlos Reis.

Ponto cinco: Convocação para dia 14 de Maio de 2011 da eleição dos Corpos Sociais, e data limite de apresentação de Listas, o dia 31 de Março.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria simples dos Sócios com direito a voto, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número de associados.

Viana do Castelo, aos 02 de Dezembro de 2010

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr. Silvestre Luís Sampaio

■ Plano de Actividades para 2011

PLANO DE ACTIVIDADES

Dentro do que habitualmente tem sido programado, procuraremos diversificar a nossa actuação. Assim prevemos realizar:

1. VISITA - DOURO E ARREDORES - CRUZEIRO

Esta iniciativa pretende mostrar em plenitude o Douro navegável e alguns dos seus predicados.

2. VISITA - NANTES (FRANÇA), E SEUS ARREDORES

A convite do Consulado de Nantes, no 10 de Junho (DIA DE PORTUGAL) pretendemos mostrar a nossa XIII ARTEMAIO aos habitantes franceses, mas com particularidade aos nossos emigrantes.

3. XXXI ENCONTRO - CONVÍVIO ANUAL

Esta iniciativa será realizada a 14 de Maio, pretendendo-se um CONVÍVIO com todos aqueles que nos visitarem.

a. REVISTA

Uma vez mais procuraremos realizar a feitura da nossa Revista que tem sido bem acolhida, pelos Colegas e pelos Vianenses em geral.

b. XII JOGOS FLORAIS

Já está em curso a preparação da XII Edição dos Jogos Florais, que culminará com a divulgação e entrega de prémios durante o almoço do Convívio Anual.

Com abertura aos actuais alunos da Escola Secundária de Monserrate.

c. 13ª ARTEMAIO

Igualmente se iniciaram os preparativos para uma grande exposição de trabalhos de pintura e escultura de antigos colegas e professores.

d. PRÉMIO MELHOR ALUNO DO 12º ANO

Continuaremos a atribuir um prémio ao melhor aluno do 12º ano da Escola Secundária de Monserrate.

4. SARDINHADA

No Largo da Lena - Portuzelo - Meadela.

5. PICOS DA EUROPA

Já não é primeira vez que iremos sair a fronteira.

6. MAGUSTO / PIC-NIC

Repetindo a tradição.

7. CEIA DE NATAL

Uma vez mais iremos realizar a Ceia de Natal.

■ Relatório da Direcção Exercício de 2010

Exm^o Senhores
Mesa da Assembleia Geral
Conselho Fiscal
Caros Colegas

É claro para a Direcção da AAETEC que o ano de 2010 foi um ano fulcral para a consolidação da política de entretenimento dos associados e que desejamos implementar cada vez mais na nossa actividade.

Este sentimento é reforçado quando analisamos este Relatório e Contas que sujeitamos à aprovação dos nossos associados e colegas. De facto, ao longo deste documento está bem patente o esforço desenvolvido este ano nestes dois vectores que são essenciais à prossecução dos objectivos da Associação: promover, desenvolver e criar condições que favoreçam essencialmente os associados nas várias vertentes da sua vivência, com particular incidência na sua mobilidade.

Sucintamente gostaríamos de, nesta mensagem inicial, comentar transversalmente as principais realizações operadas no ano de 2010 nas diversas áreas da ocupação dos tempos livres dos Associados e que demonstram inequivocamente o percurso feito, quer ao nível da consolidação das acções, quer ao nível da organização administrativa da própria Direcção.

Assim efectuamos o delineado no programa de actividades de 2010, com principal incidência no XXX Convívio Anual que se repartiu pelas seguintes actividades:

- a) Feitura da **Revista Anual**, com as implicações que acarretam, arranjar colaboradores disponíveis para os artigos, angariação de publicidade e compilação da mesma.
- b) **XI JOGOS FLORAIS**, que sendo trabalhos dos colegas, e alunos da actual Escola Secundária de Monserrate, obriga da parte da Direcção uma atenção muito especial.
- c) **XII ARTEMAIO**, que implica disponibilidade total de todos os colegas da Direcção e de outros colegas e alunos da Escola de Monserrate, sempre prontos a auxiliar a sua montagem.
- d) **XXX CONVÍVIO ANUAL**, que praticamente se inicia com o termino do anterior. A logística é grande e implica sempre a total disponibilidade dos Corpos Gerentes da AAETEC.

No tocante ao entretenimento dos Associados, realizamos vários eventos:

- 1 - A **sardinhada**, no Largo da Lena, na vizinha freguesia da Meadela, tendo este ano batido o recorde de participantes.
- 2 - O **Magusto**, como sempre em S. Silvestre, Cardielos, a afluência de participantes também foi marcante.
- 3 - O passeio excursionista a **Tomar (Rota dos Conventos e Mosteiros)** foi um alegre convívio e de conhecimento adquiridos.
- 4 - Comemorações do **Dia de Portugal**, em Orléans, com exposição dos nossos artistas.
- 5 - O passeio a **Madrid** foi a nosso ver um excelente convívio.
- 6 - A **Ceia de Natal** foi no restaurante Vianinha e correu como era de desejar. Foi um óptimo encontro.

Durante estes passeios, foram feitos questionários escritos e premiados os melhores.

No aspecto administrativo:

- Estamos empenhados em formalizar protocolos com diversas Entidades e comerciantes;
- Adquirimos um vídeo projector e uma instalação sonora, esta que posteriormente nos foi oferecida;
- Estamos empenhados em conseguir a entrada de novos sócios, tendo este ano entrado no nosso seio mais 47 colegas;
- No tocante às contas a Associação nada deve.

Assim e deste modo propomos a V. Ex.as, a aprovação do presente Relatório e Contas.

Viana do Castelo, 03 de Janeiro de 2011

A Direcção,

O Presidente
Sérgio Marinho

O Secretário
Gentil Morais

O Tesoureiro
Luís Bezerra

Aprovado em reunião de Assembleia Geral de 25 de Fevereiro de 2010

O Presidente
Silvestre Sampaio

O Vice-Presidente
José A. Amorim

O Secretário
José Luís da Rocha

■ Relatório do Conselho Fiscal AAETEC 2010

Nos termos do preceituado no Artigo 20º dos Estatutos da AAETEC – Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo. Vem este Conselho Fiscal submeter à Vossa apreciação o seu Relatório de Actividade relativo ao exercício de 2010.

Em reunião havida com o Tesoureiro e seu Presidente, procedeu-se à conferência e análise das Contas, tudo tendo encontrado na devida ordem.

Em consequência, está assim este Conselho Fiscal em condições de emitir o seguinte:

1. Parecer de que se aprovem o Relatório e as Contas de Direcção, relativo ao exercício de 2010.
2. Proposta de que se aprove um voto de louvor à Direcção, pelo trabalho desenvolvido em prol da Associação.

Viana do Castelo, 07 de Janeiro de 2011.

O Conselho Fiscal

Viana do Castelo, 2011-03-03

Caro(a) Colega



A Escola Secundária de Monserrate inaugurará as suas novas instalações, em breve.

Pensamos que é do teu conhecimento que nós estaremos lá instalados, em espaço totalmente novo.

Sendo assim, desde já trabalhamos e colaboramos directamente com os órgãos directivos daquele estabelecimento de ensino em tudo o que nos é solicitado.

Nesta “nova” Escola, há um amplo espaço a que será dado o nome “ESPAÇO MEMÓRIA”, por sinal lembrado por um nosso colega de Direcção.

Este espaço será destinado precisamente às memórias da nossa velha Escola e seus alunos no qual tu também tens lugar.

Porquê?

É muito simples. Basta fazer chegar às nossas mãos, um trabalho, então por ti realizado, por ex.: um desenho, ou qualquer outra coisa que tenhas em casa como recordação dos bons velhos tempos, ou que saibas que um teu ex-colega o tenha. Junto do objecto que nos enviases é pertinente o teu curriculum, desde que entraste na Escola até à data presente.

Seria para nós AAETEC verdadeiramente extraordinário que estivesse presente com um trabalho teu.

Além disso, vai ser possível, quando visitares aquele espaço, de recordares a tua turma e colegas em especial, visto que tudo estará digitalizado em computadores que estarão presentes na sala, e tudo o demais que poderás ver fisicamente. Podes oferecer ou emprestares o que tiveres em tua posse. Que nos dizes a este desafio?

Caso conheças colegas não filiados na AAETEC, poderão igualmente, participar nesta iniciativa e se possível inscreverem-se na Associação.

Um abraço.

A Direcção



PROGRAMA DO 31º ENCONTRO AAETEC - 2011

Caros Colegas

Voltamos ao vosso convívio, para vos convidar a participar nas comemorações do 31º Encontro da nossa Associação. Faz-te acompanhar da família e amigos.

Dia 14 de Maio (sábado):

09,00 horas – Recepção aos participantes no nosso Encontro. *(na Escola Secundária de Monserrate)*
(entrega da Litografia, actualização das quotas, etc.)

09,00 / 10,00 horas – Votação para a eleição dos Órgãos Sociais da AAETEC.

10,00 horas – Missa na Igreja de N.ª S.ª D'Agonia.

10,30 horas – Fotografia do Grupo na escadaria da Igreja de N.ª S.ª D'Agonia.

11,30 horas – Inauguração da 13ª ARTEMAIO no Estação Viana Shopping.

(exposição de pintura, desenho, escultura e trabalhos manuais)

Estarão presentes representantes dos organismos oficiais da cidade, os artistas com obras em exposição, e mais convidados.

12,30 horas – Almoço Convívio – na “Quinta da Presa” na Meadela. – *Ementa (ver menu)*

12,30 às 13,30 horas – Votação para a eleição dos Órgãos Sociais da AAETEC (final da votação).

Durante o Almoço:

- Será galardoado, o melhor aluno do ano lectivo 2009/2010 da Escola Secundária de Monserrate.
- Entrega dos prémios relativos aos “XII Jogos Florais”.
- Homenagem ao Prof. Bouça Moraes, Prof. Brandão e ao mentor da ArteMaio - Hernani Montes.
- O artista convidado, é o associado Rui Araújo que oferece à Associação o quadro que faz capa da revista, *(será leiloado outro quadro do mesmo artista durante o encontro).*

PREÇO POR PESSOA = 22,00 €

Inscrições para o almoço / convívio – até ao dia 09 de Maio de 2011

Caro Colega, aproveitamos esta oportunidade, para te lembrar (se fôr o teu caso), que actualizes as quotas, ou queiras fazer algum pagamento para a “AAETEC”, poderás fazê-lo através do **N.I.B. 0018000319396621020 03** (tens que nos indicar que o pagamento é teu) e também nos faças chegar os teus dados actualizados por correio ou pelo e-mail **aaetecvc@clix.pt**.

COLABORA

Contactos: Sérgio Marinho 968024460 - Fernando Meira 917557253

Luís Bezerra 964088820 - Carlos Couteiro 919736697

Escola Secundária de Monserrate – Rua de Monserrate – 4904-860 Viana do Castelo

ou Apartado 65 – 4901-909 Viana do Castelo

Menu Almoço 31º Encontro AAETEC

12,30h. 14 de Maio de 2011 – “Quinta da Presa” – Meadela

Aperitivos Líquidos: Vinho Verde e Maduro da “Quinta da Presa”, Vermute, Whisky, Gin, Vodka, Vinho do Porto, Ricard, Cerveja, Sumos e Águas.

Aperitivos Sólidos: Mexilhão ao Vinagrete, Sapateira Recheada, Camarão em Cesta, Santola ao Natural, Saladinha do Mar, Calamares à Galega, Lascas de Bacalhau e Grão de Bico, Atum com Molho Vinagrete e Feijão Frade, Bolinhos de Bacalhau, Rissóis de Camarão, Croquetes de Vitelinha, Fritos de Bacalhau, Broa Frita, Salsichinhas Marinadas em Cebola e Cogumelos da Presa.

Mesa Regional: Enchidos Tradicionais, Pazinha no Forno Laminada, Pernil Fumado, Costelinha Grelhada, Feijão Preto, Azeitonas da Quinta, Favas c/ Chouriço, Pezinhos à Moda do Chefe, Orelheira em Azeite e Alho e Rojõezinhos à Moda do Minho.

Quentes: Creme de Legumes da Horta, Bacalhau à “Quinta da Presa” c/ Puré de Batata.

Sobremesas: Leite Creme Queimado, Salada de Frutas ao Natural.

Café e Digestivos: Café, Descafeinado, Aguardente, Brandy e Licor.

Outras Bebidas: Vinho Verde Caves “Quinta da Presa”, Vinho Maduro “Herdade do Esporão – Alandra”, Cerveja, Sumos e Águas.

Bolo de Aniversário e Taça Espumante Natural





...onde o sonho se transforma em realidade.

Quinta da Presa

desde 1980



Meadela - Viana do Castelo
www.quintapresa.com - quintapresa@mail.pt
telefone 258 823 771 - fax 258 842 916

■ 13ª ARTEMAIO 2011 – ARTISTA CONVIDADO



Rui de Sousa Araújo

Rui de Sousa Araújo, nasceu a 5 de Janeiro de 1938 na cidade de Guimarães, passado pouco tempo veio para Viana do Castelo, terra natal de seus pais.

Frequenta a instrução Primária e o Ciclo Preparatório no Colégio do Minho e conclui o Curso Industrial na Escola Industrial e Comercial em Viana do Castelo.

No ano de 1999 inicia a aprendizagem de pintura no Atelier Mestre Duarte Simões.

Exposições colectivas

- 2000 - 2ª Artemaio
- “Os Percursos” – No edifício Marina
- 2001 - 3ª Artemaio
- 3ª Monserr’Arte
- “Os Percursos” – No edifício Marina
- 2002 - 4ª Artemaio
- 4ª Monserr’Arte
- “Os Percursos” – No edifício Marina
- 2003 - 5ª Artemaio
- 5ª Monserr’Arte
- “Ver Viana” – No edifício dos antigos Paços do Concelho
- 2004 - 6ª Artemaio
- 2005 - 7ª Artemaio
- Exposição colectiva – Antiga Cadeia de Ponte de Lima

- 2006 - 8ª Artemaio
- 2007 - 9ª Artemaio
- 2008 - 10ª Artemaio
- 2009 - 11ª Artemaio
- 2010 - 12ª Artemaio
- Exposição colectiva – Saint Jean de La Ruelle – Orléans – França

Ilustrações

- 2002 - Ilustração no Livro “A falar de Viana”
Edição – Viana Festas
- 2004 - Capa de Livro “25 Anos a Evocar uma Escola Marcante da Cidade”
Edição – Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo
- 2005 - Ilustração no Livro - “Vida e Memória do Largo das Almas”
Edição – Câmara Municipal de Viana do Castelo
- 2009 - Ilustração no Livro “História de Viana do Castelo” – 3º. Volume 1º. Tomo
Alberto A. Abreu
Edição – Câmara Municipal de Viana do Castelo

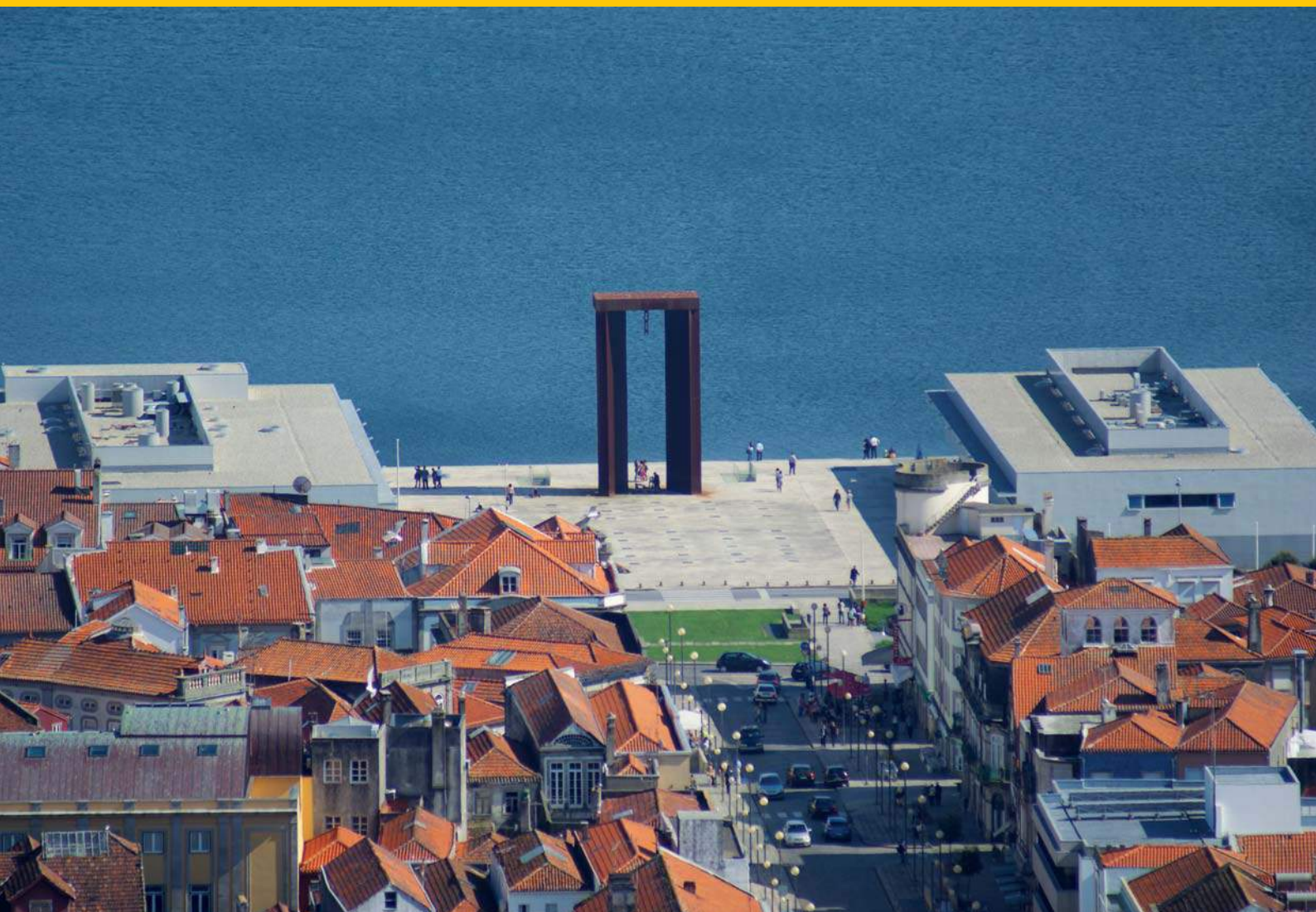
ARTEMAIO



FICA NO CORAÇÃO

Câmara Municipal de Viana do Castelo

Passeio das Mordomas da Romaria
4900-532 Viana do Castelo
Telefone 258 809 300 - Fax 258 809 347



Mensagem da Vereadora da Cultura

(Câmara Municipal de Viana do Castelo)



A Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica vem, uma vez mais, mostrar-nos como ser actuante e ter voz no tecido cultural do concelho de Viana do Castelo. A sua iniciativa ArteMaio pretende divulgar a obra de artistas locais e torná-los mais próximos do nosso quotidiano.

Mas a AAETEC desenvolve, ainda, um trabalho notável junto das comunidades portuguesas em França pois, anualmente, promove mostras da nossa cultura regional em vários locais, deixando em todos uma imagem positiva da região do Alto-Minho e a vontade de a (re)visitar.

Assim, formulo votos para que a AAETEC continue a sua actividade de divulgação e de apoio à cultura local e que continue a embelezar os nossos dias de Primavera.

Viana do Castelo, 2 de Maio de 2011

A Vereadora da Cultura

(Maria José Guerreiro)



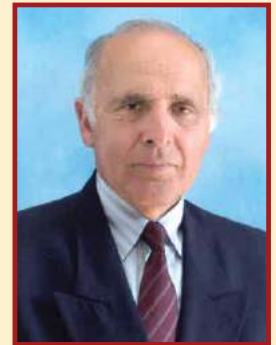
A Junta de Freguesia de Monserrate
saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica
e a população em geral.



A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior
saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica
e a população em geral.



Mensagem do Governador Civil



O aniversário de uma Associação é sempre um momento motivo de reflexão sobre o trabalho desenvolvido no passado e os projetos que se propõe concretizar no futuro.

Só com esta atitude as Associações conseguem manter uma dinâmica mobilizadora dos seus associados.

Creio ter sido este o caminho seguido pelas sucessivas direções da Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, reforçando os laços de amizade e camaradagem dos seus membros.

Não posso deixar de me referir ao “Prémio Melhor Aluno do Ano Letivo, da Escola Secundária de Monserrate”, atribuído pela Associação, como incentivo e reconhecimento, dos Antigos Alunos, ao labor, empenho e ambição das novas gerações de estudantes daquela prestimosa instituição que é a Escola Secundária de Monserrate.

Na passagem do seu 31º encontro quero felicitar os associados da Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo e desejar-lhes as maiores felicidades, bem como às sua famílias.

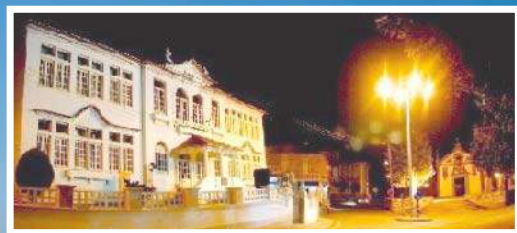
Viana do Castelo, 08 de abril de 2011

O Governador Civil de Viana do Castelo

(José Joaquim Pita Guerreiro)



A Junta de Freguesia da Meadela
saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica
e a população em geral.



Coordenadas GPS

41° 71' 69" N
08° 80' 18" W



**Opte pelas nossas
sugestões ou
traga a sua ideia,**

em CD...



via MAIL...



ou
desenhada..



e nós
desenvolvemos
e apresentamos
soluções...

NÓS EXISTIMOS...CONTACTE-NOS.

A partir de 1€

Porque os
momentos
especiais são
para recordar



Personalize
a sua
lembrança



Marcuper
Decoração em Loução, Lda.

Parque Empresarial da Meadela-Lote 20
4300-921 Meadela-Viana do Castelo
Tel. 258 842 692-Fax: 258 842 652
Telex. 917 017 568 - 934 293 255
Mail: marcuper@iol.pt
www.marcuper.com

Lembranças de Casamento



Registar um Evento



Listas de Casamento



■ A MINHA ESCOLA

Quando entrei para a Escola de Monserrate tinha passado os últimos 9 anos num ambiente bem mais fechado. Talvez isso tenha aumentado ainda mais a curiosidade e avidez com que a fui tornando minha. É engraçado permitir-me derivar um pouco pelo passado e notar como ela aparece como espaço de tantas vivências, ou como espaço onde tantas outras começaram. No primeiro ano, entre os sabores da mudança, lembro-me que foi o desporto quem me apanhou e a equipa de natação e a de atletismo levaram-me a Lisboa e a tantos outros nomes que perdi. Décimo primeiro, já um rapaz mais integrado, apercebi-me do Parlamento dos Jovens. A vontade imensa que tinha de intervir e construir fez-me tremer as mãos no auditório da Escola, para as madeiras da Assembleia da República e no azul do Parlamento Europeu, em Estrasburgo. Já na última Primavera por lá, ainda estive de câmara de filmar ao ombro nas aldeias do Soajo e do Lindoso com um amigo, agarrando a oportunidade de um projecto e criando algo dentro de uma paixão que me parecia tão distante, o cinema, um documentário sobre o Mar.

Mas o espaço não é inanimado, a Escola não foi um cenário estático, foi sim quem me permitiu tudo isto; as saudades que tenho agora não me deixam dúvidas do quanto tenho a agradecer a todos os professores, todos os amigos que a fazem pulsar de actividade e nunca me deixaram acomodar.

Agradeço imenso à Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo pelo prémio que agora me concedem mas tenho presente que muitas outras pessoas, que se esforçam tanto quanto eu, não tiveram acesso às mesmas oportunidades e aí perco as palavras para reconhecer aos meus pais a atitude que sempre tiveram.

Acho que a minha opinião e aquilo que posso deixar depois da experiência do Ensino Secundário está expresso no percurso que partilhei. Não encaro a escola como uma entidade absoluta mas como uma construção nossa, no esforço de transmitir, de enriquecer a nossa descoberta daquilo que é a realidade; está, portanto, errado fecharmo-nos nos meandros e esquemas desta nossa construção esquecendo o objectivo. As perguntas de um teste são tão poucas, de tantas possíveis! Vivam e estejam despertos, façam perguntas, não é por não estar no manual que deixa de ser importante, pensem e sintam. As antigas foram abaixo, novas e mais altas se levantam, mas não deixem que as paredes desse edifício sejam as paredes da vossa curiosidade.



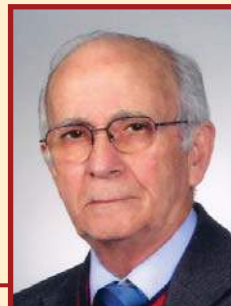
Abril 2011

João Eira

■ Sócios falecidos c/ conhecimento da AAETEC

José Santos Trindade

nasceu a 23/05/1930 ♦ faleceu a 23/09/2010



Salvato Peres Xavier

nasceu a 02/03/1940 ♦ faleceu a 08/12/2010



Hernani Peres Ferraz

nasceu a 27/11/1945 ♦ faleceu a 10/04/2011



Ao saudoso e sempre chorado

*Nessa manhã tão linda
Partiu no seu caixão...
Connosco deixou ainda
Seu doce coração!*

*Nessa manhã lá foi...
Lá foi... E a nossa dor?
Ai! Como a alma doi,
Com frio!... o teu calor?*

*No lugar de bondade
Onde a tua alma mora
Recebe a saudade
Deste amigo que chora...*

*Diz-me essa nudez tua
Que a vida é demais breve
P'ra quem amava a lua
E p'ra quem sonhos teve!*

"Ledo Merrelho"

■ XXX Encontro da AAETEC - 2010 Um Convívio de São Camaradagem

Com aquela pompa e circunstância que caracterizam os grandes eventos sociais, no passado dia 15 de Maio de 2010, os antigos alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, festejaram, em clima de alegria e muita satisfação, os trinta anos da sua Associação, isto é, da AAETEC.

Naquele dia, pelas 9 horas, começaram a chegar à Escola Secundária de Monserrate, os primeiros antigos alunos da nossa Escola Técnica. Como é hábito, nestes encontros, a recepção é feita com grandes abraços, “de partir os ossos”, num ambiente de festa, digno de realçar. Trocam-se impressões, pergunta-se pelos colegas que não puderam comparecer, recordam-se os bons e maus momentos que passámos durante a nossa estadia académica na nossa querida escola. É nesta altura que se procede à actualização de quotas e à entrega aos participantes do encontro duma litografia, desta vez assinada por Fernanda Moreira, natural de Vila Praia de Âncora e que presentemente se dedica à pintura a óleo sobre tela e a Nossa REVISTA, muito bem elaborada.

Pelas 10h00, a malta dirigiu-se à Igreja de Nossa Senhora da Agonia, para assistir à celebração da Santa Eucaristia. Na homília, o celebrante, já nosso conhecido e amigo, saudou todos os presentes e congratulou-se, mais uma vez, por esta nossa iniciativa de, anualmente, nos reunirmos num convívio de são camaradagem. Mais: -Elogiou o clima de amizade que existe entre nós, o chamamento que nos leva a partilhar com os outros, que se vai perdendo na sociedade actual, isto é, o espírito de solidariedade que nos une, que nos faz ser diferentes do mundo cão que nos rodeia.

Pelas 10h30, na escadaria da Igreja de Nossa Senhora da Agonia, foi tirada a fotografia de todos os participantes.

Pelas 11h30, no Estação Viana Shopping, foi inaugurada a 12ª ARTEMAIO, exposição de pintura, desenho, escultura e trabalhos manuais, estando presentes representantes dos organismos oficiais da cidade, a responsável pelo espaço cultural do Viana Shopping e mais convidados. Foi um momento de rara beleza, dado a quantidade de quadros expostos, que encantou todos os antigos estudantes e não só. Procedeu-se, nesta altura, à distribuição de lembranças aos artistas que se dignaram concorrer a esta exposição.

Pelas 12h30, partimos para o Complexo Turístico “Quinta Dom Sapo”, em Cardielos, onde nos foi fornecido um lauto almoço, servido com aquela amabilidade e eficácia que é apanágio do pessoal do nosso companheiro de jornada, Manuel Correia. Durante o repasto, foi galardoado, Diogo Gomes da Costa Guerra, o melhor aluno do ano lectivo do ano 2008/2009 da Escola Secundária de Monserrate, com o prémio oferecido pelo nosso colega Carlos Reis. Foi homenageado o ex-Director Professor Artur José Moranguinho Santos Moura e ao actual Director Professor José Luís Carvalhido, bem como aos antigos Presidentes das Direcções da AAETEC – José Veiga Anjos; João Sousa Pinto e Sérgio Marinho. Finalmente, foram entregues os prémios relativos aos XI Jogos Florais, este ano sob o tema: “O Centenário da República Portuguesa”. No que diz respeito aos Antigos Alunos, os prémios ficaram assim distribuídos:

SONETO

1º Prémio (Centenário da República Portuguesa) – Antero Augusto Torres Sampaio.

2º Prémio (Sangue e Esperança) – José Miguel Resende Franco.

3º Prémio (Centenário da República Portuguesa) – Francisco Correia dos Santos.

AS NOSSAS INICIATIVAS

LÍRICA

1º Prémio (Centenário da República Portuguesa) – Francisco Correia dos Santos.

2º Prémio (No Centenário da República Portuguesa) – Leandro Neves de Matos.

3º Prémio (A República Portuguesa faz cem anos) – Antero Augusto Torres Sampaio.

CONTO

1º Prémio (Centenário da República Portuguesa) – José Gonçalves da Costa.

2º Prémio (Eu estive lá) – Antero Augusto Torres Sampaio.

ENSAIO

1º Prémio (Centenário da República Portuguesa) – Mário Caldeira Pedra.

2º Prémio (Como acontece o Centenário da República Portuguesa) – Leandro Neves de Matos.

3º Prémio (O Republicanismo) – Antero Augusto Torres Sampaio.

Alunos Novos

POESIA

1º Prémio (Centenário) – Mariana Santos.

2º Prémio (Um Século de Voz) – Virgínia Sofia Barbosa.

3º Prémio (República) – Inês Queiroz Ribeiro.

CONTO

(Viva a República) – Ana Luísa Bacelar Corte Real.

A artista convidada para este evento, foi a associada Fernanda Moreira que ofereceu à Associação o quadro que faz capa da nossa revista e que foi leiloado neste 30º Encontro.

Antes de terminar, acho que é justo dar os parabéns aos directores Sérgio Marinho, Fernando Meira, Gentil Morais, Janeiro, Carlos Couteiro, Luís Bezerra e Maria do Rosário, pelo magnífico programa que apresentaram para comemorarmos o 30º Encontro da nossa Associação, que para mim e creio que, para muitos mais, é já uma família, já que a nossa Querida Escola, foi, na nossa juventude a nossa Segunda Casa.

Para o ano, se Deus quiser, voltaremos de novo ao nosso convívio, com o mesmo entusiasmo, a mesma alegria e a mesma juventude com que festejámos este Encontro.

Antero Sampaio

INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ XXX ENCONTRO



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ XXX ENCONTRO





F·O·Z
Caffé

Praia do Cabedelo • VIANA DO CASTELO
Telf. 258 332 485



Praia do Cabedelo • VIANA DO CASTELO
Telf. 258 332 485



Cais de Viana • VIANA DO CASTELO
Telf. 258 825 540

F·O·Z

VIANA DO CASTELO

Praça da Liberdade
VIANA DO CASTELO

F·O·Z

ESPOSENDE

Praça das Lampreias • 4740 ESPOSENDE
Telf. 253 967 084



LIBARGEL - Alimentos Congelados, Lda.



*Concessionário Exclusivo para o Distrito de Viana do Castelo
e Concelhos de Barcelos, Esposende, Braga, Amares, Terras de Bouro,
Vila Verde, Vieira do Minho e Montalegre, e Arquipélago da Madeira*



R. do Arranjinho - 4750-803 V. Frescaíña (S. Martinho) - Tels. 253 814 388 - Fax 253 824 558 - Barcelos
Estrada das Carreiras - Camacha - Santa Cruz - Tel. 291 920 200 - Fax 291 920 201 - Madeira

www.libargel.pt - geral@libargel.pt

■ 12ª. ARTEMAIO em Saint Jean de la Ruelle - Orléans – France

“Saint Jean de la Ruelle é uma comuna francesa na região administrativa do Centro, no departamento Loiret. Estende-se por uma área de 6,1 km², com 16335 habitantes e densidade habitacional de 2 678 hab/km².”

Foi lá, para comemorar o 10 de Junho de 2010, que levamos a 12ª. ARTEMAIO, a convite do nosso colega e amigo Carlos Reis.

O Carlos, antigo aluno da nossa velha Escola Comercial e Industrial de Viana do Castelo, emigrou nos anos 60 para França. Passou lá as passas do algarve, estudou, licenciou-se em direito, sendo hoje um digno representante da nossa comunidade.

Fomos lá com os quadros dos nossos pintores e fomos também uns dignos representantes dos portugueses e da nossa cidade, que tão mal tratada é, por alguns “vianenses”.

“Orléans, é uma cidade e comuna no norte-centro da França, cerca de cento e vinte quilómetros a sul de Paris. É a capital do departamento de Loiret e da região centro. Ocupa a área de 27,48 km², com 113 126 habitantes e densidade habitacional de 4 116,7 hab./km².

Cidade real, tem na conquista da cidade pelos franceses durante a Guerra dos Cem anos, sob o comando de Joana d’Arc, o seu evento militar mais famoso.

No reino de Carlos Magno construiu a sua Universidade, que se tornou exemplo para a construção de novas universidades na Europa durante a Idade Média.”

As visitas a Paris, a Blois, a Chambord, os passeios pela cidade de Orléans, os repastos no restaurante “ Le Portugalia”, foram momentos inesquecíveis que a inextinguível gentileza do Carlos Reis nos proporcionou.

O 10 de Junho de 2010, em Saint Jean de la Ruelle, jamais esqueceremos.

Hernâni



AS NOSSAS INICIATIVAS

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA



■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA

Pela primeira vez na existência da n/ Associação, deslocamo-nos a França, Saint Jean de la Ruelle (Orléans), com a exposição “ ARTEMAIO “, a convite da câmara daquela localidade na pessoa do vereador da Cultura “ Tony “ e do Secretário Relator das Comunidades e n/ colega, Calos dos Reis (Dr.), para estarmos presentes nas comemorações do dia 10 de Junho, dia de Portugal e das Comunidades.

Saímos de Viana do Castelo no dia 4 de Junho e regressamos no dia 11 Junho de 2010.

Fizemos uma viagem de 20 horas, com algumas paragens obrigatórias e finalmente chegamos a Orléans, cidade onde fizemos o quartel-general.

Durante parte da tarde de sábado, dia da chegada, no local destinado à exposição, “ CASA DA DANÇA E DA MÚSICA “ de Saint Jean de la Ruelle, montamos a exposição com a ajuda dos 9 colegas nossos, que eram os pintores que nos acompanharam na deslocação, embora todos os n/ colegas de uma maneira geral colaboraram transportando as telas do autocarro para o interior do local da exposição e desembalando as mesmas para que fossem colocadas nos respectivos locais (paredes).

Após termos a exposição pronta, voltamos ao quartel-general.

Uns aproveitaram para descansar e tomar um refrescante banho, outros deixaram para mais tarde e foram logo à descoberta de Orléans.

No Domingo, 6 de Junho, a alvorada foi cedo, pois tínhamos que estar em S. Jean de la Ruelle, local da “ ARTEMAIO “, já que nos esperava um conjunto de bombos Portugueses, originários na sua maioria das terras da Barca e dos Arcos. Inesperadamente fomos convidados pelo n/ colega Carlos Reis, a acompanhar os bombos por uma arruada por algumas das artérias daquela cidade. Além de inesperado foi divertido, pois nunca nenhum de nós tinha passado por tal situação. Com o barulho dos bombos fomos acordando os habitantes por onde passávamos, que se interrogavam pelo que se estava a passar. Foi no mínimo curioso e divertido, que nos serviu para efectuarmos montes de fotografias, ao ponto de uma n/ colega estar com 5 máquinas ao mesmo tempo para registar a arruada e os locais por onde passávamos. Foi pena que a certa altura tivesse começado a cair a chamada chuva de “ molha tolos “, mas abrigando-nos debaixo de umas árvores, aproveitamos, pela voz de inconfundível Leopoldo, para cantar algumas modinhas da nossa terra, acompanhados pelas concertinas do grupo.

Após a arruada, com muitas peripécias à mistura, fomos, a convite do nosso colega Carlos, almoçar no salão do ginásio e piscinas interiores. Obra que nos maravilhou sobretudo pelas piscinas, onde se encontravam dezenas de miúdos e não só, pois as mesmas tinham escorrega gigante, ondas, etc., etc..

O almoço “ buffet “, foi servido por um restaurante português. E não houve dúvidas nenhuma, era mesmo à portuguesa, resumindo, desde as pataniscas aos bolinhos de bacalhau, ao polvo, ao frango frito, às mais variadas saladas, ao arroz de ervilhas, etc., etc..

Antes porém foi-nos feita a recepção com a respectiva troca de lembranças entre a AAETEC e o nosso colega Carlos Reis. Discursou o Carlos, falou o Presidente Sérgio Marinho.

Seguiu-se o repasto, que durou até às tantas.

No dia seguinte, segunda feira, com o dia livre até às 17 horas, fomos visitando a cidade de Orléans. Às 18 horas, estávamos no local da exposição para se efectuar a abertura solene da “ ARTEMAIO “ com a presença da Vice Cônsul de Portugal em Nantes, Presidente da Câmara

de Saint Jean de la Ruelle, vereador da Cultura “ Tony “, Conselheiro Relator das Comunidades Carlos Reis, directores da AAETEC, Presidente da Junta de Freguesia da Meadela e de todo o grupo.

Discursaram todas as entidades francesas, o Presidente Sérgio Marinho que leu o seu discurso em Francês e o Presidente da Junta de Freguesia da Meadela Américo Carvalhido.

Para finalizar, houve uma palestra pela Dra. Rosa Maria Teixeira, Vice Cônsul de Nantes, sob o tema “ Igualdade homens – mulheres em Portugal.

Fomos ainda recebidos após o almoço na Câmara de Orléans, pela Vice Presidente

Marie Therese, por sinal muitíssimo bem recebidos, ao que seguiu uma visita aos Paços do Conselho, palácio do século XVI. Num dos salões foi-nos oferecido um “Champanhe de Honra”.

Na terça feira fomos visitar o “ CHÂTEAU ROYAL DE BLOIS “ e a “ PROPRIEDADE NACIONAL DE CHAMBORG”.

Não me vou alongar muito sobre esta visita, mas não podia deixar passar em claro que, Blois é um castelo do século XIII, embora começado a construir pelos condes de Blois a partir do século X, inserido no estilo gótico, a sala senhorial, mais conhecida pela sala dos Estados. É a maior sala gótica civil do início do século XIII conservada em França.

A ala Luís XII construída entre 1498-1503 em tijolo e pedra, tem um cunho marcadamente gótico flamejante com elementos de influência nórdica e ornamentos de origem italiana. Nos apartamentos reais do primeiro andar encontra-se o Museu das Belas Artes.

A ala Francisco I edificada apenas quinze anos depois da ala Luís XII, entre 1515-1520, a ala Francisco I ilustra a rápida evolução da decoração arquitectónica, de influência italiana, realizada sobre estruturas ainda muito tipicamente francesas. A escada em caracol, situada numa torre amplamente aberta, ilustra perfeitamente estas influências.

A la Gastão de Orléans, construída por François Mansart entre 1635-1638 para o Duque Gastão de Orléans, irmão de Luís XIII, esta ala, que permaneceu inacabada, é uma obra-prima da arquitectura clássica francesa. O vão da escada é uma espectacular criação com cúpulas encaixadas e ornamentadas de esculturas alegóricas.

No castelo medieval podemos ver, a sala dos Estados e o museu lapidário.

Na ala Francisco I podemos ver a sala do rei, a sala dos guardas, a galeria da rainha, o quarto da rainha, o oratório e o gabinete da rainha ou studiolo.

No segundo andar (apartamentos do rei no reinado de Henrique III), podemos visitar o gabinete novo, a galeria do rei, a sala dos guise, a sala do conchelho e o quarto do rei.

Na ala Luís XII podemos admirar o museu das Belas Artes. Podemos ainda visitar a Capela de Saint Calais, a ala Gastão de Orléans, a torre de Foix.

Muito mais poderia contar da n/ visita, mas dou-vos ou conselho. Se for possível ide visitá-lo.

No que diz respeito à Propriedade Nacional de Chamborg, não vos maçar com a história do mesmo, única e simplesmente dar-vos algumas dicas do que muito que vimos, foi uma tarde inteira. Vou falar das grandes personagens do castelo, uma ocupação intermitente.

Francisco I (1494-1547) rei de França, comanditário do castelo.

(continua)

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA

Gastão de Orléans (1608-1660) irmão de Luís XIII, vive em Chamborg e em Blois de 1634 a 1643 e de 1652 a 1660. Luís XIV (1638-1766) rei da Polónia no exílio, sogro de Luís XV, habita em Chamborg de 1725 a 1733. O Marechal de Saxe (1696-1750) recebe a propriedade de Luís XV e dá nela festas sumptuosas durante 2 anos. O Duque de Bordéus, Conde de Chamborg (1820-1883) neto de Carlos X, recebe o castelo em 1821 por subscrição nacional. O Estado francês compra o castelo aos herdeiros do Conde de Chamborg em 1930.

Agora vou indicar alguns dos pontos mais curiosos de Chamborg, tais como, o torreão e a escadaria, sala das carruagens, sala de meios audiovisuais, a capela, a habitação do rei Francisco I, o salão de audiências, os aposentos da rainha, os aposentos do século XVIII, o museu do Conde de Chamborg, a ornamentação das abóbadas, a Fundação da Casada Caça e da Natureza e o Parque e ainda os terraços.

É com 25 anos de idade que o jovem Rei Francisco I inicia a construção, em 1519, do enorme estaleiro do castelo de Chamborg. Nesta mesma época, Portugal encontra-se no seu apogeu sob o reinado de D. Manuel I, o Grande, tanto no plano da expansão internacional através das suas colónias e do seu comércio florescente, como no plano artístico com o estilo manuelino (Torre de Belém).

A seguir à sua ascensão ao trono em 1515, Francisco I parte à conquista de Milão em Itália que o seu antecessor, Luís XII, não tinha conseguido conservar. De regresso a França, marcado pela vitória conseguida em Marignan e influenciado pela arquitectura italiana da Renascença, o jovem rei, ambicioso e apaixonado pela caça, empreende a construção do castelo de Chamborg. Conservando a sua concepção, a aparência de uma fortaleza medieval um torreão central flanqueado por 4 grandes torres, duas alas e uma muralha encerrando o conjunto Chamborg é a síntese surpreendente entre as formas herdadas dos séculos anteriores e a arquitectura inovadora da renascença italiana (varandas cobertas, um terraço, pilastras e molduras horizontais que conferem ritmo às fachadas).

Idealizado como um retiro de caça, Chamborg possui a arquitectura que fez dele o castelo de todos os exageros: 156 metros de comprimento, 56 metros de altura, 77 escadas, 282 chaminés e 426 divisões. Contudo, apesar das suas dimensões colossais, a silhueta do castelo seduz sempre a sua graça e pelo seu equilíbrio. De todos os materiais utilizados nesta construção, é o tufo (ou pedra mole) que atrai o olhar do visitante. Embora seja utilizado na maior parte das construções do Vale do Loire, é certamente em Chamborg que esta pedra calcária, ao mesmo tempo macia e frágil, é trabalhada com mais virtuosismo.

Francisco I viveu em Chamborg apenas durante 72 dias em 32 anos de reinado, não chegando a ver a sua obra acabada. Por altura da sua morte, em 1547, apenas se encontram terminados o torreão e ala real. Henrique I, seu filho, e Luís XIV, também apaixonados pela caça, dariam a Chamborg o aspecto que lhe conhecemos actualmente.

Muito mais haveria para contar, mas limitei-me a extrair do guia de visita estes poucos elementos sobre a Propriedade Nacional de Chamborg.

Ainda me falta contar um pequeno episódio que se passou em Chamborg com um n/ colega, que pelo desenrolar do caso são capazes de adivinhar de quem se trata.

Quando estávamos prontos para sair, vimos um grupo de jovens (raparigas) a fazer um grande alarido, como é característico da juventude (14/15 anos), e reparámos, pois estávamos numa das torres virada à saída do castelo. Um dos colegas, fixou o olhar e disse, é o Leopoldo que está na galhofa com as pequenas. Descemos, porque já estávamos de saída, e na verdade era o Leopoldo no meio da pequenada que estava na risota. Concluimos que era um grupo de alunos de um colégio da qual faziam parte três portuguesas, oriundas de, uma de Caminha, uma outra da Póvoa de Varzim e uma terceira que salvo erro era da Régua.

No dia seguinte, quarta feira fomos visitar Paris. À nossa espera junto à torre EIFFEL, estava o Engenheiro Carlos Pereira, director do Luso Jornal e representante da Rádio Televisão Portuguesa, que nos serviu de guia numa viagem de autocarro que percorremos os pontos mais importantes da cidade luz. Ficamos com uma panorâmica geral muito boa, porque o n/ guia, Engº. Carlos Pereira, conseguiu dar-nos uma explicação tal, que com certeza nenhum guia faria melhor.

No fim do almoço, junto ao Sacré Coeur, acabamos por voltar a Orléans porque o tempo piorou e começou a chover, não nos dando hipótese de vermos mais e melhor Paris, com muita pena nossa.

À noite, jantar, fomos a um restaurante de um português, que nos serviu um caldo verde e bacalhau assado no forno. Foi um fim de dia em beleza. Correu tudo às mil maravilhas, só foi pena o tempo não nos ter ajudado em Paris.

Na quinta feira, 10 de Junho, depois de mais uma manhã livre, às 19 horas estávamos na Casa da Musica e da Dança para o encerramento das comemorações do dia de Portugal.

As entidades presentes eram as mesmas da cerimónia de abertura, embora estivesse também presente o Cônsul Geral de Portugal em Paris, Dr. Luís Ferraz e o Cônsul Honorário de Portugal em Orléans. Depois dos discursos obrigatórios, e de os pintores que se deslocaram terem sido homenageados, foi-nos servido um “ buffet froid “ pela empresa ariano.

Seguiu-se para terminar no espaço da exposição na “Salle Auditorium” de uma noite de fado oferecida pelo n/ colega Carlos Reis. No entanto um dos nossos colegas pediram em segredo, que antes de começarem o espectáculo se tocasse A Portuguesa (hino Nacional) sem que a maioria dos presentes tivesse conhecimento, incluindo as entidades Portuguesas e Francesas.

Em pé cantamos o n/ hino para surpresa geral e da respectiva assistência onde estavam incluídos franceses e n/ imigrantes.

Depois do espectáculo desmontamos a exposição e voltamos ao hotel, pois no dia seguinte abalávamos para Viana do Castelo.

Na sexta feira pelas 9 horas da manhã regressamos à n/ terrinha após as despedidas e um até breve.

Viagem dentro do normal, com chegada a Viana por volta das 5 horas da manhã de sábado.

Fernando Meira

Consulta e transcrição de alguns parágrafos dos guias de visita dos respectivos castelo.

INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ A “ARTEMAIO” DA AAETEC EM FRANÇA



Após o êxito alcançado em Orléans, fomos convidados pela Vice Cônsul de Nantes Dra. Rosa Maria Teixeira a participar nas comemorações do Dia de Portugal e das Comunidades a 10 de Junho de 2011 com a 13ª ArteMaio a realizar em Nantes, França.

Lá estaremos.



Axis Wellness
Fitness·SPA Viana do Castelo

**CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA
ASSOCIADOS DA ASSOCIAÇÃO
DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA
TÉCNICA DE VIANA DO CASTELO
"AAETEC"**

75% de desconto no AXIS CHECK UP (Avaliação física inicial + Prescrição de plano de treino)

10% de desconto nas diversas modalidades de adesão com fidelização semestral

15% de desconto nas diversas modalidades de adesão com fidelização anual

Mais informações através do nº 258 847 555 ou através do e-mail geral@axiswellness.pt ou em www.axiswellness.pt

**UM NOVO ESTILO DE VIDA EM
VIANA DO CASTELO, OFIR,
PONTE DE LIMA E PORTO!**

**Apresente esta revista e tenha
ainda uma avaliação física
gratuita!***

* oferta sujeita a marcação prévia na recepção do clube e não acumulável com qualquer outra campanha ou protocolo em vigor (sem obrigação de inscrição)

■ SARDINHADA

Foi no dia 3 de Julho de 2010 que a Direcção da AAETEC concretizou mais um evento do seu Programa de Actividades. Realizar a tradicional Sardinhada para os seus associados, familiares e amigos, no Parque de Merendas na Meadela. Foi mais um sucesso para o vasto curriculum desta Direcção, pois com mais de uma centena de convivas, todas elas bem apetrechadas de um bom farnel sem contar com as sardinhas e feveras que estavam à responsabilidade dos diretores. Enquanto as sardinhas começavam a cheirar, abriam-se as sacolas, panelas e demais iguarias trazidas por todos. Formaram-se ordeiramente filas para com o prato oferecido a marcar o evento, transportar as sardinhas para a mesa. A hora de descanso e música, veio logo a seguir. Cantaram-se canções tradicionais, dançou-se o vira e fomos tomar café ao café que se situa no parque. Houve passeio de coche atrelado a um cavalo, que a família Sousa Pinto nos presenteou. De tarde apareceram as feveras no pão. Quem tem fome? Quem quer? A fila tornou-se mais pequena, pois no estômago pouco mais cabia. Mas as feveras foram todas. Terminamos mais este evento, agradecendo a presença de todos e a pedir a participação activa em todos os eventos que a AAETEC realizar.

Parabéns a todos e... até ao próximo.

Gentil Morais



AS NOSSAS INICIATIVAS

■ MADRID FOI UM ENCANTO

Pelos 100 anos da implantação da REPÚBLICA, a AAETEC, organizou mais um Passeio de Estudo, desta vez até terras de Espanha, mais explicitamente, MADRID e seus arredores.

Pelas seis horas e trinta minutos, do dia 2/10, dois autocarros partiram de Viana para terras Castelhanas, rumo a Madrid.

Salamanca, foi a primeira paragem, onde almoçamos, depois de uma visita à Plaza Mayor, a Casa das Conchas e a Catedral, ainda nos sobrou tempo para dar uma volta à cidade de “comboínho” que nos permitiu conhecer um pouco mais da cidade.

Cerca das 19H00, chegamos ao hotel, em Las Rozas, cerca de uma vintena de Madrid. Dada a chuva copiosa com que fomos brindados à chegada, ficou gorada a visita nocturna à Capital. Em contrapartida assistimos ao jogo, via TV, do Real Madrid, onde Cristiano Ronaldo brilhou.

Toledo, foi outra cidade a visitar, face à sua classificação de Património Mundial, vale a pena revisitar tendo em conta a monumentalidade e sua história. No entanto é de ressaltar, A Porta do Sol, a Sinagoga, o Museu da Tortura, Alcazar, etc. Depois do almoço seguimos para Madrid.

Madrid, capital política de Espanha, como não poderia deixar de ser a todos encantou. Descemos dos autocarros na Plaza de Espanha e aí mesmo seria o ponto de recolha para o regresso ao hotel, já noite.

Daí deambulamos por Madrid, a pé, autocarro ou metro. Formaram-se espontaneamente pequenos grupos com interesses específicos no que ver e visitar. Uns foram até ao Estadio Bernabéu, a Plaza Maior, o Palácio Real etc, etc, etc.

Ávila, outra cidade monumental, teve o prazer de receber a horda simpática da AAETEC. Mas antes passamos pelos Vale dos Caídos (encerrado), Escorial com pouco tempo para o visitar, etc. Ávila e a sua monumental muralha bem preservada e cuidada, acolheu-nos. Depois de um tour no e, el tren turístico da cidade, património da humanidade, ficamos a perceber melhor a grandiosidade desta “pequena” cidade.

Depois, foi o regresso à Princesa do Lima, onde chegamos cerca das 21,30 horas, mas já com saudades de um dia voltar a tão belas cidades castelhanas.

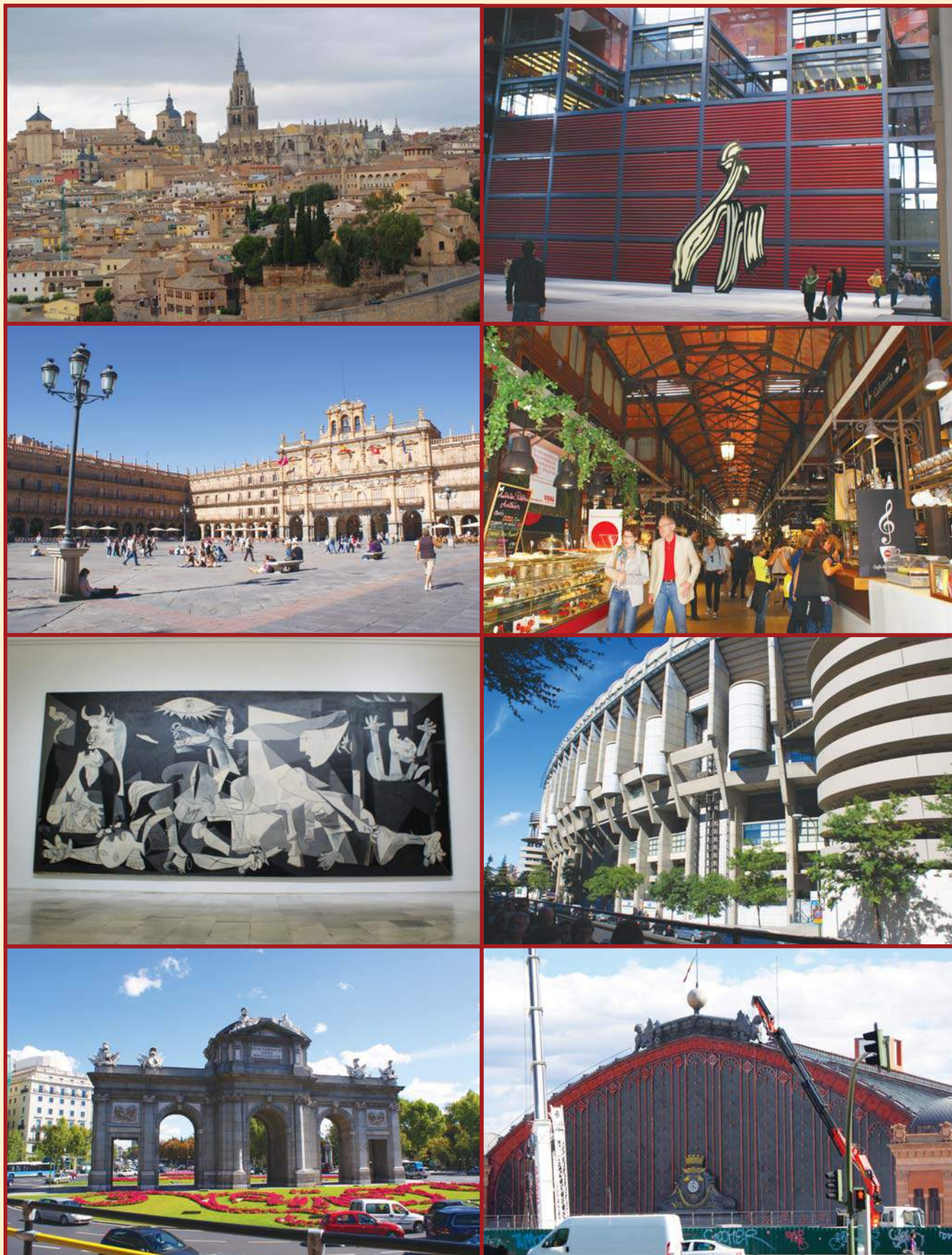


■ Passeio a Madrid



AS NOSSAS INICIATIVAS

■ Passeio a Madrid



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ MAGUSTO



AS NOSSAS INICIATIVAS

■ NATAL 2010 DA AAETEC

Esta época tão propícia às manifestações de afectos familiares, para além das festas religiosas, tão boa é, também, para que as amizades e o companheirismo nos levem a festejos para que esses sentimentos se intensifiquem e, enfim, haja diversão e alegria.

E, com esse propósito, mais uma vez se fez a festa de Natal da AAETEC, concorrida como já é habitual.

Desta vez foi levada a efeito no restaurante "Vianinha" e aí compareceram muitos sócios e amigos, que de ano para ano vão marcando presença no evento, mas também caras novas de sócios recentes, o que apraz registar, e que por sinal pareceram bafejados pela sorte, na distribuição das prendas, como aqueles pescadores que, na primeira sessão de pesca, apanham o peixe maior e ficam "engodados". Assim seja com eles.

Mas a festa esteve animada, sala cheia, conviveu-se, comeram-se as entradas e o resto, sem faltar o bacalhau com todos e o bolo-rei, como a tradição obriga e, segundo creio, por todos é aprovada.

Depois, no palco da sala, seguiu-se a comparência do Pai-Natal e adjuntos, na sessão de distribuição das prendas, com os "ou", "ou ", "ou" do Pai-Natal Moraes (com o tal 1º prémio ao "Novo" sócio debutante) e, mais copo, mais conversa, mais encontros para o "então que é feito de ti?", o serão continuou até que a rotina do deitar ou o fim de festa nos fez despedir, com os desejos de boas-festas a todos quantos queremos.

Façamos votos para que o próximo Natal nos aproxime de novo e mais sócios e mais convivas apareçam, porque a amizade também se cultiva.



Victor F. Alves



INICIAATIVAS

AS NOSSAS INICIAATIVAS

■ CEIA DE NATAL



INICIATIVAS

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ Visita à Escola de Monserrate



■ Escola Nova – Nova Escola – 2*

O plano estatal de renovação física das escolas está adiantado. Era necessário e foi bem-vindo. Falta modernizar os equipamentos oficiais e laboratoriais mas... esta “crise económica” desculpa o atraso.

Há, porém, outros aspectos que é urgente repensar e refazer.

Hoje temos, nesta Escola, três tipos de alunos: os “normais”, os que têm dificuldades mas algum interesse, que com ajudas individuais lá vão aprendendo e progredindo (o “sistema” tem vindo a reduzir as possibilidades destas ajudas) e aqueles que, neste “sistema de varrer para a frente” se vêem *num mundo que não é o seu*, em que nada lhes interessa. São estes últimos os perturbadores do normal funcionamento das aulas, que absorvem 80% da atenção dos professores, inutilmente, em prejuízo dos outros interessados em aprender. São também vítimas do “sistema” pois é a sua “infelicidade” que os torna perturbadores. Como fazer com que um adolescente que se comporte *quedo e mudo* numa aula que nada lhe diz, por noventa minutos? Solução impossível!



Há trinta anos este último tipo de alunos não estava na Escola: estava “carregando baldes de cimento” ou “a cavar batatas”. Hoje, quando “o sistema” se preocupa com as estatísticas, mais em *certificar* do que em *qualificar*, os encaminhamentos destes jovens está viciado: por conveniências de cariz económico (subvenções às escolas) e por “exibicionismo político” do “sistema” (*certificados, para as estatísticas*).

As “ferramentas” (cursos definidos e estruturados – Catálogo Nacional das Qualificações – CNQ) até existem “no papel” mas... não funcionando de forma articulada, não satisfazem os objectivos para que foram criadas.

Há jovens que não querem *esta* formação de três anos (ensino secundário), para eles demasiado longa, mas que se empenhariam numa formação mais prática, curta (um ano) e que lhes proporcionasse uma “ferramenta para a vida”. Estas formações existem (são 115, no catálogo atrás referido, tais como: bombeiro, cabeleireiro(a), carpinteiro de limpos, operador de máquinas, agente funerário, operador pecuário, etc., etc.)

Onde estão a funcionar estes cursos?

Como fazer para encaminhar aqueles jovens inadaptados a *esta Escola* para essa via?

Estas são as perguntas cujas respostas procuro (mas não está fácil encontrá-las!) no sentido de contribuir para a “felicidade” daqueles, encaminhando-os para algo de que gostem, libertando simultaneamente as *nossas* aulas (alunos e professores) das perturbações que hoje, num ambiente instalado de “coitadinho”, que nivela por baixo, canalizando as energias para estes alunos que não as aproveitam em detrimento dos outros (a maioria) que assim ficam prejudicados e com eles toda a sociedade.

Há aspectos que devem vir de casa...

Seria tema para outra crónica mas, fica só o recordar aquele *cartoon* que compara o passado com o presente da Escola: Há uns vinte anos, a uma *negativa* do filho os pais pediam-lhe explicação; hoje, vêm os *papás e o menino pedir satisfações* aos professores...

Mudam-se os tempos (e as políticas) ... mudam-se as vontades!

VC, 25 Abril 2011

BM

Bouça Morais
PQND ESMonserrate
Gr. 540-01 (Electrotecnia)

* Foi publicada crónica com o mesmo nome na última revista Farol (da ESMonserrate) (Nº 16 - Out. 2010) tratando outros aspectos da mesma problemática: o nosso ensino/aprendizagem.

AS NOSSAS INICIATIVAS

■ Cruzeiro no Rio Douro



■ Passeio da AAETEC Um pretexto cultural

A 2 e 3 de Abril de 2011 realizou-se o programado CRUZEIRO NO RIO DOURO.

Um fim-de-semana diferente, por outras regiões: – outras águas, outras rochas, outras paisagens campestres.

Embarcámos em Vila Nova de Gaia.

O estado do tempo não permitia permanecer ao ar livre, houve que recolher ao convés protegido e o que parecia ser uma desagradável condicionante virou vantagem: formaram-se grupos, surgiram as conversas, soltaram-se as línguas, vieram as histórias, a boa disposição, ouviram-se as gargalhadas, preencheu-se o tempo de viagem, sempre acompanhado pelas alterações do cenário ao longo das margens.

O Palácio do Freixo, a ponte no afluente Sousa, miniatura da conhecida Ponte da Arrábida, à qual serviu de ensaio, as povoações ribeirinhas – Lever, Pejão, Pedorido, muitas mais e, sobretudo, a subida dos desníveis do leito, assistindo, em cima do acontecimento, à aplicação funcional do princípio dos vasos comunicantes para continuarmos em altitudes cada vez mais elevadas – vários foram os motivos de interesse que se sucediam no percurso fluvial.

Após almoço a bordo, desembarque na Régua e visita a uma empresa vinícola com cicerone próprio, algumas compras de garrafas seleccionadas e partida para Vila Real.

Na capital trasmontana a receção por um comunicador nato que, entre histórias ancestrais nos contou um costume que já vem de Vila Real de Panóias, nome original da cidade e que transmitimos:

A 13 de Dezembro, dia de Sta. Luzia, é tradição as raparigas de Vila Real oferecerem o “pito” aos rapazes de quem gostam, na expectativa de, a 3 de Fevereiro, dia de S. Brás, os moços retribuírem a dádiva, oferecendo-lhes a “gancha”.

Descodifiquemos já esta linguagem, estamos a falar de doces regionais: uma noviça devota de Sta. Luzia criou uns doces com a forma de pachos utilizados para tratamento dos olhos – os pitos de Sta. Luzia; quanto às ganchas, são barras de rebuçado em forma de bengala que simbolizam o báculo associado ao ícone de S. Brás (há gente que põe malícia em tudo...).

Ficámos a saber por que devemos pronunciar Corgo, com o ó aberto e nunca fechado, Côrgo, os vila-realenses não desculpam a fífia.

Já agora, mais uma de cultura: Vila Real foi a primeira vila portuguesa a ter iluminação pública eléctrica com produção própria nos finais do século XIX.

Depois do jantar, fomos descansar e na manhã seguinte chegamos a Barca d’Alva.

Voltámos ao Pocinho e, de autocarro, regressamos a Viana.

Parabéns aos companheiros da AAETEC responsáveis pela organização do passeio: melhor era impossível.

Mário Pedra



www.ipv.pt

LICENCIATURAS**11/12**

- BIOTECNOLOGIA
- CONTABILIDADE E FISCALIDADE (regime pós-laboral)
- DESIGN DE AMBIENTES
- DESIGN DO PRODUTO
- DESPORTO E LAZER
- DISTRIBUIÇÃO E LOGÍSTICA
- EDUCAÇÃO BÁSICA
- EDUCAÇÃO SOCIAL GERONTOLÓGICA
- ENFERMAGEM
- ENFERMAGEM VETERINÁRIA
- ENGENHARIA AGRONÓMICA
- ENGENHARIA ALIMENTAR
- ENGENHARIA CIVIL E DO AMBIENTE
- ENGENHARIA CIVIL E DO AMBIENTE (regime pós-laboral)
- ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO GRÁFICA E MULTIMÉDIA

- ENGENHARIA DE SISTEMAS DE ENERGIAS RENOVÁVEIS
- ENGENHARIA DE SISTEMAS DE ENERGIAS RENOVÁVEIS (regime pós-laboral)
- ENGENHARIA DO AMBIENTE
- ENGENHARIA E TECNOLOGIA DE MATERIAIS
- ENGENHARIA ELECTRÓNICA E REDES DE COMPUTADORES
- ENGENHARIA INFORMÁTICA
- ENGENHARIA INFORMÁTICA (regime pós-laboral)
- GESTÃO
- GESTÃO (regime nocturno)
- GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL (regime pós-laboral)
- INFORMÁTICA DE GESTÃO
- MARKETING E COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL
- MARKETING E COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL (regime pós-laboral)
- TURISMO
- TURISMO (regime pós-laboral)

MESTRADOS**11/12**

- AGRICULTURA BIOLÓGICA
- CONSTRUÇÕES CIVIS (Engenharia Civil e do Ambiente)
- CONTABILIDADE E FINANÇAS
- DESIGN INTEGRADO
- DIDÁCTICA DA MATEMÁTICA E DAS CIÊNCIAS
- EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
- EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
- EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO
- EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO NA INDÚSTRIA ALIMENTAR
- ENFERMAGEM DE SAÚDE COMUNITÁRIA
- ENFERMAGEM MÉDICO-CIRÚRGICA
- ENSINO DE INGLÊS E DE FRANCÊS/ESPAANHOL NO ENSINO BÁSICO
- ENSINO DO 1º E DO 2º CICLOS DO ENSINO BÁSICO
- ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DE REABILITAÇÃO *

- ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM DE SAÚDE MATERNA E OBSTETRÍCIA *
- GERONTOLOGIA SOCIAL
- GESTÃO AMBIENTAL E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
- GESTÃO ARTÍSTICA E CULTURAL
- GESTÃO DA QUALIDADE EM LABORATÓRIOS
- GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES – Ramo Gestão de Empresas
- GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES – Ramo Gestão de Unidades de Saúde
- INOVAÇÃO E MUDANÇA EDUCACIONAL
- LOGÍSTICA
- PROMOÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE
- SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
- TECNOLOGIA CERÂMICA
- TECNOLOGIA E GESTÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
- TURISMO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

* Confere título de Especialista

CET CURSOS DE
ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA**11/12**

- APLICAÇÕES INFORMÁTICAS DE GESTÃO
- CERÂMICA
- CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS
- CONTABILIDADE E GESTÃO
- CUIDADOS VETERINÁRIOS
- CULTURAS REGADAS
- DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS MULTIMÉDIA
- ENERGIAS RENOVÁVEIS
- GESTÃO DA QUALIDADE E SISTEMAS AMBIENTAIS
- GESTÃO DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA EM ESPAÇO RURAL

- GESTÃO DE REDES E SISTEMAS INFORMÁTICOS
- INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ESPAÇOS VERDES
- MECANIZAÇÃO E TECNOLOGIA AGRÁRIA
- QUALIDADE ALIMENTAR
- QUALIDADE AMBIENTAL
- SEGURANÇA E HIGIENE ALIMENTAR
- SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA
- TÉCNICAS E GESTÃO HOTELEIRA
- TECNOLOGIA ALIMENTAR
- TECNOLOGIAS E PROGRAMAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

CONTACTOS

Praça General Barbosa
4900-347 Viana do Castelo

t. 258 809 610 | f. 258 829 065
s. www.ipv.pt | e. geral@ipv.pt



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo





Barrinhas Energéticas

NOVO
NEW



ALTAMENTE NUTRITIVA



J.DINIS & FILHOS, LDA.

AFIFE - VIANA DO CASTELO

Tel: +351 258 980 010 | +351 258 980 019

PORTUGAL



Dínamo Seguros

Duarte Miranda
(Agente de Seguros)

Soluções para as suas necessidades



Liberty
Seguros

Centro Comercial 1º de Maio - Loja G
4900 - 534 Viana do Castelo

Tel/Fax: 258 109 226 - Tlm: 963 107 480

dinamo.seguros@gmail.com



INFORMAÇÃO
NECESSÁRIA

Só para lembrar...

Caro(a) Sócio(a):

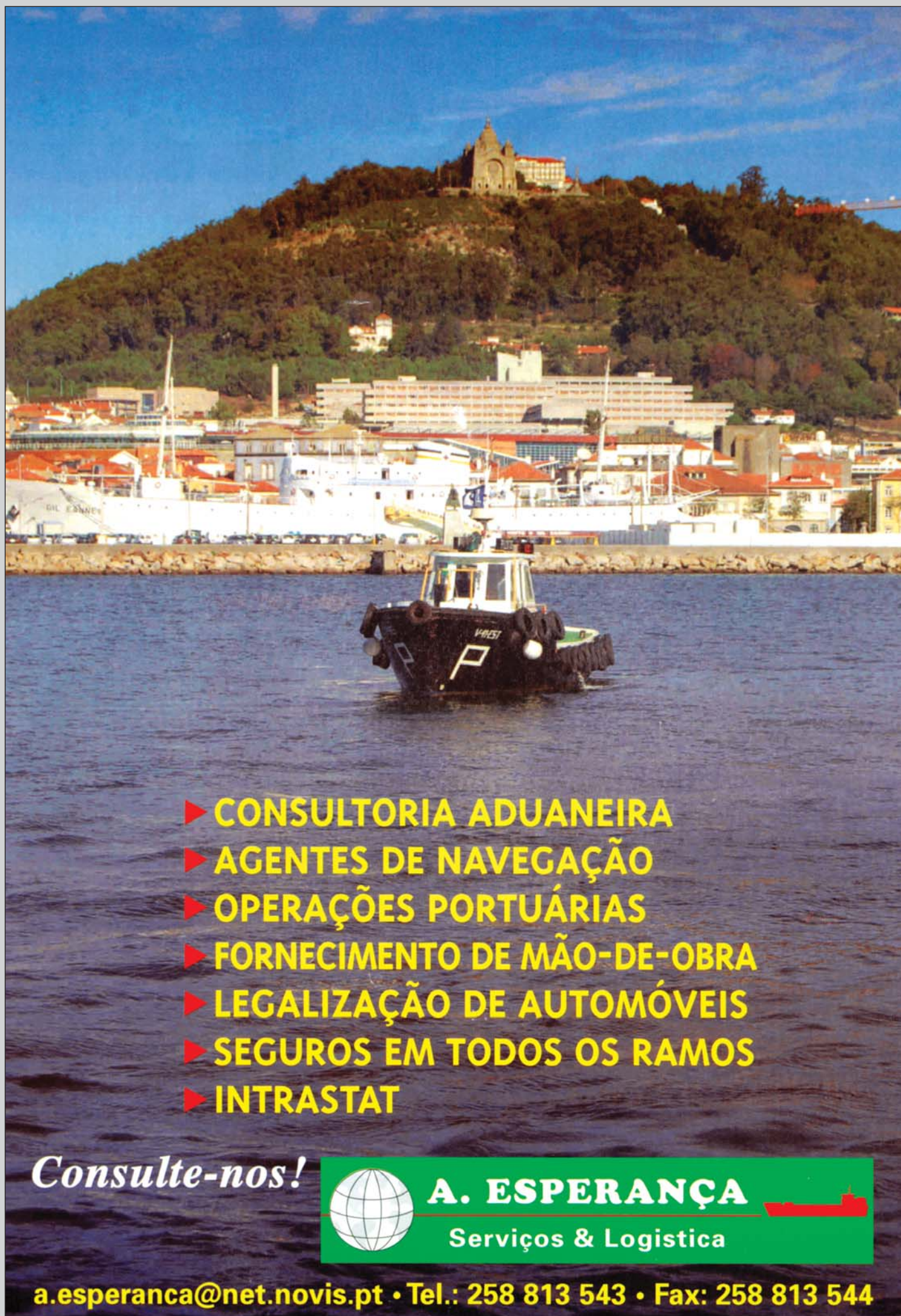
Qualquer pagamento (quotas, donativos, passeios, etc.) à AAETEC poderá ser efectuado da seguinte maneira:

- Balcão do Banco "Santander Totta", indicando o teu número de sócio, na conta com o NIB: 0018 0003 19396621020 03, da AAETEC - Viana do Castelo.
- ou enviando para:
 - AAETEC - Apartado 65 - 4901-909 Viana do Castelo
 - AAETEC - Escola Secundária de Monserrate 4901-860 Viana do Castelo

Email: aaetecvc@clix.pt

Em qualquer depósito efectuado, terá de ser identificado e comunicado à AAETEC. O valor da quota anual é de 15,00 euros. Após pagamento da quota, estas serão enviadas (como normalmente acontece) na próxima envelope.





- ▶ CONSULTORIA ADUANEIRA
- ▶ AGENTES DE NAVEGAÇÃO
- ▶ OPERAÇÕES PORTUÁRIAS
- ▶ FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA
- ▶ LEGALIZAÇÃO DE AUTOMÓVEIS
- ▶ SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
- ▶ INTRASTAT

Consulte-nos!



A. ESPERANÇA

Serviços & Logística

a.esperanca@net.novis.pt • Tel.: 258 813 543 • Fax: 258 813 544

■ Prof. Brandão - Uma merecida homenagem

Em primeiro lugar gostaria de dar os parabéns à Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo pela justa e merecida homenagem ao Prof. Brandão.

Foram vários os Professores que me marcaram ao longo da minha caminhada de estudante, que foram 23 anos lectivos de estudos (sem reprovações), desde o dia em que, em Outubro de 1962 entrei para a Escola Primária de Samonde - S. Marta de Portuzelo, até ao dia 27 de Julho de 1999, quando obtive o grau de Doutor em Engenharia Mecânica pela Universidade do Minho. O caminho percorrido, com algumas pausas pelo meio, foi longo, e por vezes árduo, pois foi necessário conciliar actividade profissional com estudos nocturnos, bolsa de estudo no estrangeiro e actividade docente.

Quando terminei o 6º ano do Curso Geral de Mecânica (equivalente hoje ao 9º ano de escolaridade), não tinha nos meus planos continuar os estudos. Mas apareceram entretanto os cursos complementares. Matriculei-me, então, no Curso Complementar de Mecanotecnica. O 1º ano decorreu normal, mas no 2º ano tive a Matemática o Prof. Brandão e a Física o Prof. Hermenegildo. São estes Professores que agora quero recordar. Com as aulas destes mestres do ensino, a minha vida mudou, pois os resultados superaram as minhas expectativas. Graças a eles, decidi estudar Engenharia Mecânica. Saí então, de um curso nocturno da Escola Secundária de Monserrate (1977) e fui para a Europa Central, mais concretamente para a Universidade Técnica de Bratislava (Eslováquia) estudar Engenharia Mecânica. Nos dois primeiros anos de curso, tive 4 disciplinas de Análise Matemática que superei com muito estudo, mas as aulas do Prof. Brandão tinham incutido em mim tal confiança, que o que aparecesse era para vencer, tal era o gosto pela Matemática.

Foram as aulas do Prof. Brandão, que aguçaram em mim o gosto pela Matemática e juntamente com as aulas de Física do Prof. Hermenegildo, despertaram em mim o interesse por um curso de

Engenharia Mecânica que viria a transformar radicalmente a minha vida. Com o Prof. Hermenegildo, conversei apenas uma vez, quando o encontrei na rua, para lhe dizer de viva voz, em forma de gratidão, o quanto

a sua forma agradável e competente de leccionar Física, tinha transformado a minha vida. As questões gratas, não as devemos guardar só para nós, devem ser comunicadas a quem de direito. Soube que nos deixou recentemente, mas continuará a ser recordado por todos aqueles a quem ajudou a superar a barreira do sonho. Pela parte que me toca, recordá-lo-ei como um dos melhores mestres do saber, que tive ao longo da minha vida de estudante e daqui lhe digo um "Até sempre Prof. Hermenegildo".

Quanto ao Prof. Brandão, desde a última aula que tive com ele (1977), nunca mais conversamos. Por isso, quando soube, através do meu amigo Gentil que os Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo o iriam homenagear, foi sem hesitação que aderi e aqui estou a dizer-lhe, em jeito de gratidão: Obrigado Prof. Brandão. Foi também, dos melhores Professores que tive ao longo de toda a minha vida de estudante. Bem hajam os verdadeiros mestres do ensino, como o Prof. Brandão que, com o seu saber e a sua competência tornam fácil, aquilo que outros consideram difícil, transformam as nossas vidas, ajudando-nos a rasgar horizontes e a consolidar os nossos sonhos. São esses que permanecem guardados com ternura, nos nossos arquivos da memória. São esses os verdadeiros Professores. Bem haja Prof. Brandão.



Manuel Gilberto Freitas Santos

(Antigo Aluno da Escola Técnica de Viana do Castelo)



SOUSA PINTO
SEGUROS

Allianz 

*Maria João Meira Sousa Pinto
João Lopes Sousa Pinto*

Rua Sá de Miranda, 49 - 1ºC • 4900-529 VIANA DO CASTELO
Tel./Fax: 258 824 359 • Tlm. 962 695 754
email: joaosousapinto@sapo.pt

**50 anos ao serviço do
comércio tradicional**



Calçado:

Botas d'água

Guarda-chuvas

** de conforto*

Botas de couro

** de trabalho*

Chinelos

** ortopédico*

Pantufas

** de desporto*

Chapéus

** de agasalho*

Bonés

** de passeio*

Bengalas

Casa Meira's

de Maria Augusta Varajão Meira, Herdeiros

Rua Gago Coutinho, 116-118 • VIANA DO CASTELO

JVeiga
Veiga & Veiga, Lda.

- Manutenção Industrial
- Hidráulica e Pneumática
- Soldadura TIG
- Tornearia e Fresagem

1 2
9 0
4 0
9 9
60
anos

Rua General Luis do Rego, 241
4900-344 Viana do Castelo
Tel./Fax 258 823 383



Rosinha
dos
Chouriços

***Enchidos Tradicionais
e Derivados de Porco***

Stª Marta Portuzelo
VIANA DO CASTELO

Nuno Sordo Ferreira
• 965 412 013

Rosa Margarida Sordo
• 967 710 064

Rua de Santa Marta, 132 - Stª Marta de Portuzelo
4925-104 Viana do Castelo
Telf / Fax 258 830 941 • nuno_sordo@hotmail.com

■ Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva

Bem no coração da Abelheira, na freguesia de Santa Maria Maior em Viana do Castelo, depara-se com a movimentada Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva (topónimo que é uma justa homenagem a este notável advogado vianense que se referenciou como emblemático democrata) praça esta que sendo envolvida por uma larga cintura rodoviária de configuração oblonga, destaca-se hoje, pelas suas modernas características, como um novo e peculiar espaço urbano da cidade.

Situada na extremidade Nascente da Avenida da Abelheira, era desde a construção desta longa artéria rodoviária, constituída por uma grande rotunda. E essa rotunda quando se começou a delinear urbanisticamente com a implantação do altaneiro edifício, no seu topo Poente, onde está instalado o estabelecimento comercial “Staples” tomou popularmente o nome de “Praça da Abelheira”.

No novo espaço urbano depois denominado Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva, de dez mil metros quadrados, que beneficiou da intervenção urbanística no ano de 2009 e princípios de 2010, e onde estão em construção mais quatro edifícios de qualidade, com quatro pisos, estacionamento subterrâneo e uma galeria pedonal ao nível do rés-do-chão, conjunto edificado este que ficará a circundar a nova Praça, foi construída uma zona ajardinada, devidamente vedada com 2900 metros quadrados, sendo o acesso feito através de uma passagem inferior sob a via. O jardim, da nova Praça integrada na toponímia da cidade nos princípios de 2010 como Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva, inclui um espelho de água, uma fonte e um espaço lúdico, com percursos pedonais e de bicicleta, para além de uma área para crianças com um parque infantil e um pequeno ringue para basquetebol.

Junto do topo Poente deste novo espaço urbanizado e que totalmente vedado constitui o núcleo central da Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva, foi muito louvavelmente erigida uma significativa estátua de homenagem ao Carreteiro da Abelheira, que tão largas tradições despertou na cidade durante muitos e muitos anos até aos fins da década de 60 e mesmo princípios dos anos 70 do século passado.

O monumento, da autoria do escultor vianense Manuel Rocha, um artista já hoje de fortes créditos firmados e mesmo largo prestígio, é constituído por uma figura humana de 2,38 metros de altura em bronze, dois bois de aço, um carro de bois com 5,5 metros de comprimento, também em aço, e duas cangas, em bronze e latão dourado.

A homenagem ao Carreteiro da Abelheira, que tendo partido da iniciativa da Junta da Freguesia de Santa Maria Maior, presidida por Amadeu Bizarro, logo recebeu de forma entusiástica o fundamental apoio da Câmara Municipal de Viana do Castelo, o que demonstra o inequívoco e avassalador sentimento de admiração e respeito pelos valorosos homens da Abelheira, que com a sua coragem e árduo trabalho diário no transporte de mercadorias, materiais e bens nos seus carros de bois, muito contribuíram para a vida, para o desenvolvimento e para o progresso de Viana do Castelo.

Refira-se que esta saliente estátua de homenagem ao Carreteiro da Abelheira, na nova Praça Dr. António Feio Ribeiro da Silva, inaugurada no dia 20 de Março de 2010, constitui também não só pela sua simbologia mas também pelo seu inquestionável valor escultural, um valioso contributo para o enriquecimento do património artístico que a cidade de Viana do Castelo tem actualmente muito orgulho em apresentar.



António de Carvalho



combinações únicas
para um gosto inesquecível...



MEADELA

Rua St.ª Cristina, n.º 200 – 4900-810 Meadela
Viana do Castelo
T. 258 842 510/1
TLM. 962 094 406/7 – F. 258 842 512

ENCOSTA DE SANTA LUZIA

Rua António Machado Vilas Boas, n.º 60
4900-503 Abelheira – Viana do Castelo
T. 258 845 666
TLM. 926 816 631

geral@ameadella.com
encomendas@ameadella.com
www.ameadella.com



GORYTOURS

VIAGENS E TURISMO, LDA

Alvará n.º 1581/09



Av. Rocha Páris n.º 41 - Viana do Castelo
Telefone - 258 092 047 / 258 092 072
Telem. - 912 601 517 / Fax - 258 092 071
Email - geral@gorytours.com

■ É bom lembrar... Pegada Ecológica

Em 1996, William Rees e Mathis Wackernagel desenvolveram o conceito da Pegada Ecológica. Esta teoria consiste na avaliação da quantidade de recursos naturais que utilizamos para suportar o nosso modo de vida. Neste comportamento está incluído tudo o que consumimos e utilizamos, desde a cidade em que vivemos e a casa onde moramos, onde se incluem os móveis e as roupas, até ao que comemos, passando pelos transportes e o consumo de outros bens que compramos.

Tendo em conta as capacidades da Terra, isto é, os limites até onde a podemos explorar sem que a coloquemos em causa, através da Pegada Ecológica é possível estabelecer níveis de racionalidade, de forma a poder avaliar até que ponto este planeta em que vivemos está em condições de suportar o nosso consumo, numa perspectiva de o legar às gerações vindouras dotado dos mesmos recursos com que o recebemos.

É através do princípio da Pegada Ecológica que hoje podemos constatar que Portugal já consome quase o dobro do que deveria consumir, tendo em conta as capacidades e os recursos da Terra. E os Estados Unidos da América, por exemplo, gastam o quádruplo do que razoavelmente deviam gastar. Praticamente todos os países industrializados têm consumos bem acima do aceitável, o que quer dizer que o fazem à custa de dezenas de países subdesenvolvidos. Se considerarmos que, obrigatoriamente, os países pobres se desenvolverão e passarão a ter níveis de vida mais abastados e, por isso, utilizando maiores quantidades de recursos da Terra, facilmente se conclui que a manutenção do planeta só se consegue com novas práticas e novas formas de vida daqueles que ultrapassaram já a sua Pegada Ecológica.

Para diminuir a Pegada Ecológica é obrigatório adoptar comportamentos mais amigos do ambiente, que facilitem a redução da quantidade de recursos necessários às nossas actividades diárias, directa ou indirectamente. Não é necessário partir para comportamentos severos. Trata-se apenas de aprofundar estilos de vida que, em boa medida, já hoje adoptamos no nosso dia-a-dia. Lembremo-nos, como prática quotidiana, da regra dos três R's (Reduzir, Reutilizar, Reciclar): reduzir o consumo, reutilizar tudo o que for reutilizável e facilitar a reciclagem daquilo que já não tem préstimo.

Estaremos em condições de aprofundar estas políticas? Se não o fizermos agora, vamos ter que, obrigatoriamente, o fazer amanhã e com custos maiores. Mas, acima de tudo, temos que ter bem presente que não podemos hipotecar o futuro das gerações vindouras.



Gonçalo Fagundes Meira



■ Cruz Vermelha Portuguesa



■ Cruz Vermelha Portuguesa

A Delegação de Viana do Castelo da Cruz Vermelha Portuguesa teve o seu arranque no dia 5 do mês de Abril de 1911, num período tumultuoso da vida nacional, em que a imagem de marca da República era o confronto político permanente. A caracterização do País nesse momento reporta bombas, atentados, pancadaria, sabotagens, intencionas, revoluções. De tal modo, que o escritor Augusto de Castro, mais tarde director do Diário de Notícias, ironizou na *Ilustração Portuguesa*, na meia metade da primeira década:

“As revoluções em Portugal tornam-se periódicas e, como tal, não há razão para que não entrem, como a chuva ou o bom tempo, as festas mudáveis e os dias feriados, nas previsões dos meteorologistas e nos programas do Borda d’Água. Entendo que, para conveniência de todos, as futuras “folhinhas” deverão conter a sua enumeração, aproximativamente, com as datas prováveis e, quanto possível, as horas...”

É claro que a República não foi a única causadora desta instabilidade incentivada pelas querelas políticas, pois a monarquia já nos tinha legado esses genes, e tal situação não era apanágio de Portugal, pois também se experimentava lá por fora. Por isso, não admira que nos anos 10 não se verifique qualquer explosão de desenvolvimento ou concretização de surto de progresso que não seja consequência de algo anteriormente iniciado. Nem sequer houve lançamento de uma qualquer grande iniciativa no campo da obra pública, e mesmo as poucas que, localmente, se concretizaram, foram resultante da pressão do movimento operário e não de qualquer iniciativa governamental.

Foi neste clima de instabilidade, que alguns homens notáveis de Viana do Castelo lançaram mãos à obra, nas instalações do jornal local “A Aurora do Lima”, que é reconhecido como o principal elemento impulsionador deste movimento em Viana do Castelo. Vários nomes se juntaram e colaboraram, para que a Delegação fosse uma realidade: Dr. João Espregueira da Rocha Páris, José Caetano de Palhares Vianna, Albino Antero da Costa Peixoto, Prior José Mendes de Abreu Júnior, Tullio Augusto e Moraes da Motta, Bruno da Silva Lomba, António Pimenta Barbosa, Augusto José Martins, Américo Pires Albou, Alberto Fernandes da Cunha Mourão, D. Leopoldina Fortunato Arriscado Malheiro e Gama, D. Bertha Isabel Arriscado Malheiro e Moraes da Motta, D. Florinda Amália Guimarães Mourão, Casemiro Augusto da Costa Peixoto, Carlos da Silva Ferraz, António Caetano Rodrigues, Francisco Illydio d’Oliveira Barata, Manuel Pires Cordeiro, Camilo Gonçalves Ramos e Manuel Felgueiras Silva. Constan, na acta lavrada nessa data, as deliberações aí tomadas, e que se resumiam à solicitação do reconhecimento legal da Delegação, nos termos do art. 1º. do Regulamento dos serviços da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, aceitando e sujeitando-se ao regulamento dos serviços da mesma.

De então para cá, intensificou-se progressivamente a preponderância da sua Unidade de Socorro — hoje Estrutura Operacional de Emergência — com importante papel na resposta a situações de emergência pré-hospitalar no âmbito do INEM/CODU (vulgo 112), o transporte urgente não solicitado pelo INEM, a resposta às solicitações da Protecção Civil, quer distrital quer concelhia, a resposta a pedidos de entidades privadas e particulares, o transporte de doentes e pessoas em situação

vulnerável, o apoio de socorro e de transporte, o apoio a eventos de vária índole com meios humanos e materiais para prestação de serviços de apoio médico sanitário, salvamento aquático ligeiro e participação em exercícios e simulacros.

Faz-se sentir também a presença de um “Centro de Formação de Socorrismo”, que permite a autonomia da EOE na formação do seu efectivo. A formação na área do Socorrismo para o exterior da CVP, é também uma actividade presente há vários anos, e intervém na formação de elementos da população em geral, elementos enquadrados em estruturas empresariais, em associações, em organizações juvenis e em instituições que pretendam criar equipas de 1ª intervenção no âmbito desta disciplina, e ainda na formação de tripulantes de ambulância de transportes, através dos seus cursos de SBV/DAE – Suporte Básico de Vida com Desfibrilhação Automática Externa – Curso Europeu de Primeiros Socorros, Cursos de Socorrismo Pediátrico, Cursos de Socorrismo de Proximidade e curso de TAT, destinado à formação de Tripulantes de Ambulância de Transporte.

No campo da acção social, a Delegação fundamentou a sua actividade no passado, numa perspectiva de assistência social ou emergência humanitária, recolhendo e doando bens de primeira necessidade. No entanto, a par da integração e participação activa no Conselho Local de Acção Social, a Delegação vem alterando o seu modelo para uma perspectiva de acção social integrada, através da implementação de um banco de Ajudas Técnicas, do Serviço de Teleassistência em conjugação com a Sede Nacional, e projectos de apoio à população prisional. No futuro próximo estará envolvida no programa de inclusão social Portugal + Feliz, no club de informática sénior para a terceira idade, e em acções diversificadas de educação para a saúde.

A Delegação está também empenhada na efectiva afirmação e desenvolvimento da sua área médica e de enfermagem, através da instalação de vertentes mais diversificadas e de melhoria das instalações.

São imensos, contudo, os problemas com que a Delegação da CVP em Viana do Castelo se confronta actualmente. Na verdade, as dificuldades que o País atravessa neste momento fazem-se sentir seriamente no seio e nas actividades da instituição. As suas fontes próprias de receita sentiram uma drástica diminuição, em contraste com a subida em flecha dos seus encargos, pois é certo que nem a sua actividade de carácter humanitário e social é contemplada com modelos que suavizem os pesados custos das tarefas que lhe são exigidas.

Encontrando-se a comemorar o seu primeiro Centenário — cujo ponto alto decorreu na Sessão Solene realizada no dia 5 de Abril no Auditório Prof. Lima de Carvalho e, depois, no Juramento de Compromisso de 32 novos Voluntários, em 9 de Abril — a Delegação enfrenta um dos mais difíceis momentos da sua já longa existência.

Compete aos seus dirigentes e às forças vivas da cidade, agir em defesa de um compromisso assumido há muitos anos, do qual a cidade justamente se orgulha.

Cândido Moraes

■ VIANA TAURINO CLUBE UM CLUBE CENTENÁRIO

O interesse pelos touros, tinha antecedentes muito remotos nas gentes de Viana.

Já em 1609, início do século XVII, nas festas levadas a efeito, por ocasião da trasladação dos restos mortais de D. Frei Bartolomeu dos Mártires para a Igreja de S. Domingos, se regista a organização de uma corrida de touros no Campo do Forno (actual Praça da República), a que o povo acorreu em alvoroço e alegria dando vivas ao movimentado espectáculo que já tinha tradições e era do maior agrado popular.

O Campo do Forno foi, durante muito tempo, espaço para estes divertimentos.

A predileção dos vianenses pela tauromaquia, enraíza-se de tal modo nos seus hábitos, que em 1685, foi necessário disciplinar a sua actuação, por carta régia do rei D. Pedro, obrigando ao corte das hastes dos touros devido às mortes que se registavam, “obrigando o Juiz de For a da Villa de Viana” ao cumprimento da ordem real.

A vivência da tradição taurina, conduz-nos à integração das touradas em 1871, no programa das Festas de Nossa Senhora D’Agonia. Aparecem, entretanto, as primeiras Praças de Touros de raiz, construídas em madeira, no Campo do Castelo.

No início do século XX, mais precisamente a partir de 1904, organizam-se várias pequenas garraíadas, então promovidas pelo S. C. Vianense, ou por um punhado de jovens que se constituíram em “Grupo Taurino de Viana”, também designado “Grupo Taurino Tomás da Rocha” que, mercê do seu entusiasmo, nelas passaram a participar.

Havia que experimentar essa sensação!

Incentivados com cada vez maior entusiasmo do público, estavam criadas as condições para a fundação dum clube tauromáquico, – o Viana Taurino Clube –, facto que ocorre em 10 de Agosto de 1910, já com estatutos pelos quais se haveriam de reger.

A partir desse ano e ininterruptamente até 1925, passaram a promover pelo menos, uma garraíada, sempre com fins beneficentes.

A sua organização, dita oficial, que tinha lugar no domingo imediato às Festas da Senhora D’Agonia, era um acontecimento na cidade, que mobilizava os jovens para interpretar o espectáculo, as “meninas” para a ele presidirem, e o numeroso público que enchia as praças, dando largas ao seu entusiasmo.

Os êxitos tauromáquicos já não eram bastantes para a satisfação dos seus associados, pelo que a partir de 1913, iniciaram outras actividades. Desde logo, o Remo e a Natação e de seguida o Futebol, para o qual negociaram a Quinta de Monserrate que transformaram no seu Campo de Jogos. Seguir-se-ia o Ténis e demais modalidades.

O Futebol atingiu muita notoriedade, sendo dos primeiros clubes a praticá-lo oficialmente na região. Para tanto contribuiu o referido



Campo de Jogos, que haveria de ser negociado para o Sport Clube Vianense em 1923.

A actividade desportiva do Viana Taurino Clube era intensa, sem nunca perder de vista a acção social. A medalha de 2ª Classe da Cruz Vermelha Portuguesa, com que foi agraciado pelo Governo da República em 1913 e nova distinção atribuída em 1916, atesta inequivocamente a vocação filantrópica do novel Clube.

Com um percurso, ora de grande brilhantismo, ora de alguma apatia, haveria de sofrer sério revés em 1946, com o encerramento da sua sede por imposição da Polícia Política (P.I.D.E.), que acusa os seus dirigentes de permitir reuniões de natureza subversiva.

Reabre, passados cerca de 6 meses, com a determinação da sua direcção ser assumida por uma Comissão Administrativa nomeado pelo Governador Civil, cuja aceitação criou muito mal estar na maioria dos associados.

Afastado o pesadelo porque passara, volta o Clube, paulatinamente, à normalidade. A sua acção de carácter lúdico e social continua muito interventiva na cidade com apoios às mais diversas instituições de caridade, à organização das Festas da Senhora D’Agonia, dos Festejos Carnavalescos, e ainda das mais diversas provas desportivas. As receitas destas iniciativas revertiam sempre para aquelas instituições.

Simultaneamente procedem à revisão e actualização dos Estatutos, de modo a permitir enquadramento mais actual, respeitando sempre os princípios porque se regia a colectividade.

O Viana Taurino Clube regista ao longo dos seus 100 anos de existência, a dedicação de inúmeros associados que empenhadamente o serviram, sendo justo relevar os irmãos Alpuim d’Agorreta, (os gémeos João e José e mais tarde o Miguel), que estiveram na sua génese e consolidação até aos anos trinta, ocupando sucessivamente a cadeira de Presidente da Direcção, o último dos quais mais de uma década. Outra figura incontornável na vida do Taurino, foi Eugénio

Pinheiro que a partir da segunda metade dos anos quarenta até aos anos sessenta, assumiu por diversas vezes cargos directivos e prestou apoios significativos em momentos difíceis da sua existência.

O Clube dedicou-se a todos os desportos, sendo justo realçar a tauromaquia (assim o entendiam os rapazes fundadores da agremiação), o Xadrez (que alguns teimam em chamar ciência e outros tantos arte), e actualmente o Bilhar (pool e bola 8 e 10), com vários títulos nacionais e até um mundial.

O Viana Taurino Clube, assinalou o seu centenário em 2010, com diversas iniciativas, que marcaram indelevelmente tão assinalável data.

A Câmara Municipal atribuiu-lhe o Diploma de Instituição de Mérito bem como a respectiva Medalha, em Sessão Solene, no dia 10 de Agosto de 2010, dia do centenário da sua fundação.

Amândio Passos Silva
(Presidente da Comissão das Comemorações do V.T.C.)

CEM ANOS DE VIDA

O tempo passa, assim como quem voa
No espaço sideral, rumo ao Além,
Passa silencioso e não pregoa
Que passando nos leva, ele também.

Do percurso que faz, porém, ressoa
Sempre tudo o que é bom e que contém
Razão para reter imagem boa
Da humana função que sobrevém.

Instituições, homens e bens são
O seu alvo. Alguns sucumbirão
Na voragem, mas há quem lhe resista!

Com cem anos de vida, 'inda com vida,
O Viana Taurino dilucida
Esta certeza assente em lei deista.

Outubro de 2010

António Manso Gigante



Sérgio Marinho

Solicitador C. P. 4087

Rua do Anjinho, 41 - 4900-320 Viana do Castelo
Tel./Fax: 258 820 404 - Telem.: 96 802 4460
Email: sergio.marinho@clix.pt
www.smarinho.online.pt



CONTABILIDADE DA MEADELA, LDA.

Rua da Igreja, n.º 22 - Meadela - 4900-717 Viana do Castelo
Tel. 258 843 612 - Fax. 258 843 615

email: gabmea@mail.telepac.pt - www.gabmea.lda.pt



Promotores financeiros

Fernando José Oliveira Matos
Luís António Fonseca da Silva Azevedo

Largo de S. Domingos, 104/106 | 4900-330 Viana do Castelo
Tel: 258 817 600/1 | Fax: 258 817 602 | e-mail: integralseguros@sapo.pt

Outros tempos nas festas da minha terra

Era eu ainda muito jovem! Na minha terra, nas Neves – Viana do Castelo, havia e ainda há as célebres e magestosas festas em Honra de N. Senhora das Neves.

Jovem! Teria talvez os meus 16 anos. A Comissão de festas daquela época tinha por hábito nomear mordomias, aos pares, para determinados andores que viriam a desfilarem na procissão religiosa que tinha lugar sempre no dia 5 de Agosto pela manhã. Para isso, eram escolhidos quatro pares de rapazes e raparigas. Os rapazes tinham por missão contratar com o armador o décor do andor e saber se todos estavam de acordo com o orçamento para depois dividirem as despesas.

Chegado o dia da festa carregavam com o andor na procissão e, logo atrás, as mordomas acompanhavam. A curiosidade é que muitos deles não tinham uma relação muito íntima entre eles, nem mesmo as raparigas. Mal se conheciam. A comissão de festas é que os seleccionava como entendia.

A procissão saía (e sai) da Igreja de Mujães com destino à capela de N. Senhora das Neves numa distância de cerca de dois a três quilómetros. O que em dias de calor é de certo modo arrasador para quem transporta o andor ao ombro.

Segue-se a missa campal e os andores são guardados numa capela vizinha, conhecida pela capela dos Arrais, por ser particular e pertencente à família com o mesmo nome.

Da parte de tarde desse mesmo dia era hábito passearem. Esses pares recém criados juntavam-se para darem umas voltas na “bicha” (assim se chamava à ala que circulava na estrada que atravessa o largo das Neves). Iam conversando, até que chegada a hora do lanche se faziam as súcias.

As súcias, eram o ajuntamento desses rapazes e raparigas onde os eles pagavam as bebidas e elas os doces. Procuravam uma tasca e confraternizavam. Às vezes até acontecia na casa de um deles. Dali saíam muitas vezes namoros para muito tempo e, até casamentos que ainda hoje subsistem.

Os doces, esses, eram daqueles que, passados estes anos ainda se vêm nas festas das nossas aldeias vizinhas, de aspecto caseiro, mas apetitosos.

De realçar que nesse dia era também pretexto para que o rapaz e a rapariga se apresentassem com fato novo, a estrear. Ela com o seu mais bonito vestido.

Muitas recordações guardo desses tempos da minha juventude em que participei em muitos destes eventos, para não falar das moças que me foram “arranjadas” pelas comissões de festas, que gostei e, outras não tanto, mas que, apesar de tudo, assumia a companhia até ao fim da festa. Assim era dado participar com dignidade. Já os nossos pais já nos inculciam esse modo de ser e estar na vida. Porque ser mordomo de um andor era uma honra. Fosse de que santo fosse. Estava em causa a festa principal da terra. Havia que colaborar.

Do muito que poderia contar, doutros aspectos tradicionais já praticamente extintos, conto este e, vou ficar por aqui. Quero apenas deixar testemunho com mais de cinquenta anos de história, de um dos elementos muito característicos da procissão de N. Senhora das Neves, no concelho de Viana do Castelo. Por conseguinte, no Minho. Um dos expoentes máximos das festas da minha terra.

Março de 2011-04-15

Leandro Matos

OS NOSSOS POETAS

Como desce o rio de Afife

As chuvadas têm alagado Afife e o rio,
Que corre apressado, arrastando amieiros,
Passa as pontes e galga os pequenos desfiladeiros
Com tanta pujança que nos provoca arrepio.

Muita água tem desgastado as pedras do pinhal,
Que o monte de Afife deixa passar sem registo!
Rompe “Cabanhas” — a Ponte do Faial e a do Xisto
E fura por entre choupos, até ao “charco” final!

Refreia na Fátia, como nas albufeiras,
Tem que amansar quando há ladeiras
E é tina vertente, para a juventude nadar,

Faz caída ali, lá vai em águas excitadas,
Une as margens, banha a veiga — terras lavradas,
Já o vigia além a praia, para se estirar no mar.

Leandro Matos

Em dia de muita chuva em Afife, a 17 de Janeiro de 2010

Em S. Miguel (Açores)

Vimos São Miguel, Ilha esverdeada,
Ponta Delgada — sua capital,
Pedra cinza, ornada, especial,
Com seu casco histórico — cinzelada!

Os quatro — horizontes descobrindo,
Desde Ribeira Grande às Sete Cidades,
Nas Furnas e noutras proximidades,
Olhando o mar... tudo era lindo!

Campos verdinhos, bem delineados,
Os pastos das vacas quase roçados,
Sublimes tapetes nos Açores!

Frondosa e verdinha, esta paisagem,
Na estrada com hortênsias à passagem
Mas bela é — esta ilha dos amores!

Leandro Matos

Ponta Delgada, 12 Setembro de 20

A antiga Praça da Viana

Saudades de certa graça,
Tempos de rara beleza,
No seio da nossa “Praça”
Com calçada à Portuguesa!
Árvores de belas cores,
Com bancos ali no meio,
Reencontro d’alguns amores
Ponto útil de recreio.
Voltar a uma Praça assim,
Com um quiosque de fama,
Seria um belo jardim...
Que afidalgava Viana!
Então, “Praça da Rainha”,
Aberta à circulação,
Passeios na mesma linha,
Extrema riqueza no chão!
Ó nobre laje subida!
De branco e preto adornada
Hoje desaparecida,
Mas sempre, sempre lembrada
Linda “Praça” que tu eras,
Em épocas que já lá vão,
Onde passei primaveras,
Tempos de muitas quimeras
Que agora escassas são!...
Outrora tão imponente,
Com alma e vida pública,
Ainda te trago na mente,
Hoje já és tão dif’rente,
Grata “Praça da República”!

Leandro Matos

21 de Março de 2011 (dia Mundial da poesia)

Ao Viana Taurino Clube - Centenário!

“UM CESTO DE ROSAS”

Ó terra de Viana, ó terra de Poetas,
Com trajes de Luz e vestida de Beleza,
Ó “Viana Taurino Clube” em tantas metas,
A partilhar a Vida e a dar sabor à mesa...

Que não me venham dizer que isto são só tretas,
Porque do que falamos, temos a certeza!
Fazer cem anos é das coisas tão dilectas!
Celebrá-lo é manter em nós a “chama” acesa!

Ter idade não é ser velho ou ser um trapo!
É estarmos aqui unidos com ar guapo,
A recordar aquilo que já foi vivido...

Da experiência que fica ou do que é mais feliz,
Guardaremos na Alma, porque assim o quis
O Destino que um dia te fez ter nascido

13/10/2010
Van Gal

Soneto

Para meditar...

Muito mal vai o Mundo, quando alguém
Exerce o seu poder, só por dinheiro
E deixa ficar dentro do tinteiro
Os são princípios que a Vida contém!

Vai-se roubando o Povo e sem vintém
Este vem para a rua: “desordeiros”...
Os outros vão ficando no poleiro
Com as suas “galinhas”, como harém...

E assim vai-se espalhando a sua fama,
Até que outro, por trás, lhe faça a cama
E tenha que ir embora... - com “penachos”!

Sentem envaidecidos os seus egos;
Falam de luz aos outros, sendo cegos,
E, no fundo, o que querem é mais tachos...

José Franco

O Graal...

Obrigado, meu Deus, pela Revelação,
Que desceu do Céu; é o Pão Celestial...
E nos fizeste as asas do Teu Santo Graal
Com sangue derramado do Teu coração!

E se o nosso Amor é a Tua Compaixão,
Erguemos a Taça com gesto triunfal,
Pois não há aqui na Terra outra coisa igual
Por Ti abençoada, esta nossa união...

E este sentimento que é tão indizível...
Partículas de Luz do Teu Ser invisível
A semear o Cosmos, sempre, eternamente...

Assim se vai desvelando em nós o Teu Plano,
A construção do Templo... ano atrás de ano...
Com estas “Pedras Vivas”, silenciosamente!

Van Gal
22/09/2010

OS NOSSOS POETAS

COMO SE DEU A REVOLUÇÃO

No dia 3 de Janeiro de 1910, estalou a Revolução Republicana!

Nesse mesmo dia, pelo placard de O Século, no Rossio, passara já a chocante notícia de que o Dr. Miguel Bombarda tinha sido alvejado a tiros de revólver, por um louco que o tinha procurado em Rilhafoles, tendo recolhido ao Hospital de S. José em estado grave. Dirigente e deputado republicano, impulsionador da Junta Liberal que encabeçara as campanhas anticlericais que, sobretudo em 1909, agitaram Lisboa numa manifestação com cem mil portugueses, que à porta das Cortes exigiu o registo civil obrigatório e a expulsão das ordens religiosas – fora baleado no seu consultório, por Aparício dos Santos, antigo aluno dos jesuítas no Colégio de Campolide, tenente do exército, a quem Bombarda estava a tratar doença mental. Transportado para o hospital de S. José, à entrada do bloco operatório, mandou “queimar à vista, uma carta que trazia na carteira” – (talvez a lista do governo revolucionário a que iria presidir) – e disse ao Dr. Francisco Gentil: – Não queria morrer já isso seria dar grande alegrão à canalha que me odeia...

Não resistiu à cirurgia e faleceu às 18 horas da tarde.

Estoiraram, então, incidentes de Baixa, a populares juntaram-se marinheiros e soldados, perseguindo e agredindo padres que por lá passavam.

No Palácio de Belém, D. Manuel II oferecia ao Presidente do Brasil, Hermes da Fonseca, um jantar de Gala, e de súbito, por ordem de Teixeira de Sousa, o Primeiro Ministro, Batalha de Freitas, o chefe do Protocolo, começou a suprir pratos à ementa “para que tudo acabasse o mais depressa” e o Rei regressasse, breve, ao Palácio das Necessidades, escoltado pelo Regimento de Lanceiros 2.

Com Bombarda morto, fez-se reunião presidida por António José de Almeida, para cancelar a insurreição, marcada 48 horas, antes, onde o Almirante Reis, se insurgiu contra, alvitrando, em frenesim: – É hoje, tem que se hoje! A Marinha terá muita honra de ser fuzilada nas ruas. A revolução não será adiada, sigam-me, se quiserem. Havendo um só que cumpra o seu dever, esse único serei eu...

Entretanto, já regressado do banquete de Belém, D. Manuel entreteve-se a jogar bridge com o Marquês de Lavradio e o Conde de Sabugosa.

Era meia noite e quarenta e cinco minutos do dia 4, quando trinta civis armados, comandados pelo tenente Machado dos Santos, saíram do Centro Republicano de Santa Isabel, em Campo de Ourique e entraram no Quartel de Infantaria 16 aos gritos: “VIVA A REPÚBLICA!” Mataram o comandante, Pedro Celestino da Costa – dominaram o quartel e em coluna, dirigiram-se para o Quartel de Artilharia 1, em Campolide. Arrombaram a porta, com intervenção pronta do ferrador Bento Vaz, assaltaram os paióis e apoderaram-se de armamento pesado. Estava lançada a revolução...

E diziam, assim, os jornais da época. Na madrugada de 4 de Outubro, Machado dos Santos, aquartelou na Rotunda, 400 homens – com oito peças de artilharia apenas. Do outro lado controlados pelo Estado Maior Monárquico, contavam-se 4470 Soldados, 3771 Guardas. Talvez por isso, abalados pelo suicídio de Cândido dos Reis e pela falta de adesão de unidades que se apalavraram na rebelião, os restantes oficiais tenham debandado, considerando a rebelião falida. Ficaram nove Sargentos e alguns cadetes da Escola do Exército, que manifestaram a Machado dos Santos: – Nós morremos aqui ao lado de Vossa Senhoria, pela República.

Um Pelotão da Guarda Municipal que vinha do Quartel do cabeça da Bola, fora, entretanto, destroçado por bombas artesanais da “artilharia civil” e choças da Carbonária sabotaram comunicações e cortaram estradas e caminhos-de-ferro.

Era já manhã do dia 5 quando o encarregado de Negócios da Alemanha solicitou armistício de uma hora para que os alemães abandonassem Lisboa. Entretanto, no Quartel General Monárquico, instalado no Palácio da Independência, no Largo de São Domingos, preparava-se o bombardeamento da Rotunda, a partir do Alto do Torel. O General Rafael Gorjão disse ao alemão que sim, pensando que, desse modo, poderia receber mais reforços de Santarém. Assim, enviou, então, um ordenaça, a cavalo, com bandeira branca, a acompanhar o diplomata alemão à Rotunda, para conferenciar com Machado dos Santos, que, às 8 horas e 35 minutos, arrancou avenida abaixo, a cavalo, à frente de horda de populares – “com a farda desabotoada, poeirenta, barba de três dias e só com uma dragona”.

No Rossio, o povo alagou a praça, com vivas à República, julgando que, ao ver passar a bandeira branca do alemão, os monárquicos se tinham rendido. Unidades militares fiéis à monarquia, regressam aos quartéis, gado que puxava as peças de artilharia de Queluz, tresmalhou e fugiu, soldados e revolucionários entraram em confraternização. Às 8 horas e 44 minutos, Machado dos Santos, entrou no Palácio da Independência e intimou o General Gorjão a reconhecer a República. Não reconheceu, perdeu. Às 11 horas do dia 5 de Outubro, da varanda dos Paços do Concelho, José Relvas, filho de Carlos Relvas, agricultor rico do Alentejo, toureiro e pioneiro das corridas de cavalos, acompanhado por Eusébio Leão e Inocêncio Camacho, proclamou-a. Foi ele, José Relvas, que da varanda dos Paços do Concelho, bradou: “UNIDOS TODOS NUMA MESMA ASPIRAÇÃO IDEAL, O POVO, O EXÉRCITO E A ARMADA, ACABARAM DE PROCLAMAR A REPÚBLICA EM PORTUGAL”.

Não foi um “banho de sangue” a Revolução do 5 de Outubro de 1910. Houve 37 mortos e 64 feridos.

E o rei? Dizem também os jornais da época que D. Manuel II, fugiu de carro, embrulhado numa manta...

... Às 11 horas do dia 4 de Outubro, os cruzadores S. Rafael e Adamastor dispararam quarenta granadas sobre o Palácio do rei. Uma atingiu a cornija da Capela das Necessidades, outra conseguiu cortar o mastro, onde estava hasteado o pavilhão real. Todas deixaram D. Manuel II em pânico. El-Rei correu para o oratório, suplicando ajuda divina. Pediu que telefonassem ao Presidente do Conselho, o aparelho funcionava mal, percebeu que Teixeira de Santos, insistia na ideia de abandonar o Palácio e hesitou: – E não dirão que desertei?!...

Passadas duas horas, o Rei, enfiou-se num automóvel que lhe foram alugar secretamente e fugiu pelas traseiras do Palácio, a caminho de Mafra, “embrulhado numa manta”, no porta-bagagens, escondido. Não muito longe, o carro avariou-se. O motorista arranjou-o. Poucos minutos depois de seguir caminho, constou-se, que “um projectil juncou de estilhaços mortíferos, precisamente o sítio onde o rei, aguardara, triste e silenciosos, o conserto do carro...”

A Rainha D. Amélia, estava no Castelo da Pena e D. Maria Pia no Palácio de Sintra. Era já dia – cinco da manhã – quando se juntaram a D. Manuel em Mafra. Embarcaram no iate Amélia – que D. Carlos usara nas suas últimas regatas de vela – da Ericeira para Gibraltar. Parece que, ao sair de um dos barcos de pesca que levaram a Família Real até ao iate, o ainda Rei, soltou, um murmúrio: – Desgraçado de quem nasceu nesta terra!

E a mãe, juntou-lhe o desconsolo, num afago:

– Não esperava isto dos Portugueses!... C’ est une infamie...

Joel Serrão

A propósito do 1º Centenário da República Portuguesa

Não sendo tu tratada como real dama.
Com títulos de princesa ou infanta...
Sem possuir dotes da burguesia, que encanta.
Nada de reбуços, por falta dessa fama!

Porque não és oriunda, nem descendes da clã monarquia.
Mas terás acesso à formação e ensino.
A outra doutrina: bandeira, escudo e hino.
E pertences de “jus” e honra a melhor hierarquia.

Óh Filha! Terás direito — a elegeres e seres eleita —.
Com autonomia e soberania da República.
É a forma simples e democrática perfeita!

O povo emancipou-se! Terá voz pública.
És republicana de direitos! E terás cidadania escoreita.
Independência e liberdade. Viva a República!

F. Correia dos Santos

O “Centenário da República Portuguesa”

República, um século, festejar,
Esquecer todo o sangue derramado
Para o País se poder libertar?
- Sonho! Sonho! Sebastião desejado!

Terra de Camões, barco naufragado,
Como tu, à deriva no alto mar...
Que se viva a Saudade no teu Fado,
Ou chore a vida, de novo, a cantar!

Não interessa se foi bom ou mau
E o estado em que ficaste, pobre nau,
Para seguir, então, novos padrões...

Vê: No Espírito existe Liberdade,
Essência igual e há Fraternidade
Na Luz que desce, a encher os corações!

GAJEIRO

EMBARCAMOS

Embarcamos
nas naus
de farto bojo,

nas esguias
e vistosas
caravelas,

desafiamos
os deuses
com insolente
arrojo

e deciframos
os designios
das estrelas.

Partimos,
Só então,
à desfilada,

desbravando
oceanos,
continentes,

fizemos
quase tudo,
quase nada,

incautos
nos perdenos,

inocentes.

Fernando Castro e Sousa



FLÔR DE SAL

HOTEL • VIANA DO CASTELO

Av. de Cabo Verde, 100 | Praia Norte | 4900-350 VIANA DO CASTELO
Tel. +351 258 800 100 | Fax +351 800 101 | email: reservas@hotelflordesal.com

■ XI JOGOS FLORAIS

Realizaram-se os XI Jogos Florais, aos quais podiam concorrer todos os antigos e actuais alunos e professores da Escola Industrial e Comercial Nun'Álvares, Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo e Escola Secundária de Monserrate.

Cada concorrente poderia apresentar até 2 trabalhos inéditos em qualquer das seguintes modalidades:

Em poesia: - Lírica
- Soneto

Em prosa: - Conto
- Ensaio

O júri foi a Direcção da AAETEC atribuindo a seguinte classificação:

POESIA LÍRICA

- 1º Prémio *"Centenário da República Portuguesa"*
Autor - Francisco Correia dos Santos
- 2º Prémio *"No Centenário da República Portuguesa"*
Autor - Leandro Neves de Matos
- 3º Prémio *"A República Portuguesa faz cem anos"*
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio

POESIA SONETO

- 1º Prémio *"O Centenário da República Portuguesa"*
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio
- 2º Prémio *"Sangue e Esperança"*
Autor - José Miguel Resende Franco
- 3º Prémio *"Centenário da República Portuguesa"*
Autor - Francisco Correia dos Santos

CONTO

- 1º Prémio *"Centenário da República Portuguesa"*
Autor - José Gonçalves Costa
- 2º Prémio *"Eu Estive Lá"*
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio

ENSAIO

- 1º Prémio *"Centenário da República Portuguesa"*
Autor - Mário Caldeira Pedra
- 2º Prémio *"Como acontece o Centenário da República Portuguesa"*
Autor - Leandro Neves de Matos
- 3º Prémio *"O Republicanismo"*
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio

ALUNOS - Escola Secundária de Monserrate

POESIA

- 1º Prémio *"s/ título"*
Mariana Santos
- 2º Prémio *"Um Século de Voz"*
Virginia Sofia Laranjeira Barbosa
- 3º Prémio *"República"*
Inês Queirós Ribeiro

CONTO

- 1º Prémio *"Viva a República"*
Ana Luísa Bacelar Corte Real

XI JOGOS FLORAIS 2010

■ POESIA LÍRICA

Centenário da República Portuguesa - 1º PRÉMIO

Foi o 5 de Outubro de 1910, em Portugal.
Ocorreu a mudança do poder e do regime.
Que a nova situação política se legitime.
Pelo todo espaço e território nacional...

Era insustentável a coroa realza.
Com cerca de oito séculos de história.
Estafada com governos finais, de má memória.
Teria que nascer a nóvel república portuguesa.

Num regime republicano a grei exerce a soberania.
A forma mais democrática de governo e poder!
Compete à grei as leis e, constituição defender.
Votar e ser votado, com arreganho; exercer a cidadania.

Pela pátria lutar!
É o regime que a nação escolheu e consagrou.
Muitos heróis e mártires, por ele lutou.
Também mátria. Dever defendê-la e por ela trabalhar...

A portuguesa é o hino épico da nação.
Bandeira verde-rubra com esfera armilar.
Onde se inspirou a moeda – escudo estelar –!
São os símbolos da raça republicana, com coração.

Oh, república! Eu te saúdo.
No teu primeiro e jucundo – 2010 – centenário.
Por muitos anos, contes teu heróico aniversário.
Viva, vivas muito! Oh, república a ti; por tudo.

Tésis
(Francisco Correia dos Santos)

No Centenário da República Portuguesa - 2º PRÉMIO

Foi com um pé na República
E outro na Monarquia,
Que convivia um grande Senhor,
Um tal José Elias Garcia.
A organização Republicana,
Dividia-se em Golpistas,
E dos que mais tinham gana
Eram Radicais e Oportunistas.
Apregoavam aos quatro ventos
Os Federativos e Socialistas.
Depois, consoante os intentos,
Movimentavam-se os Progressistas.
Havia ainda os Regeneradores,
Para acabarem em Reformistas,
Como tantos Senhores Doutores.
Já em Coimbra assolado
E no meio dos liberalistas
Via-se Bernardino Machado,
Se impor aos monarquistas.
Era a Liberdade e a Tirania
Das lutas políticas do tempo,
O Despotismo e a Democracia
Que funcionava como o vento!...
A instituição Republicana
Promovia o descanso semanal,
Porque até ali só havia
O descanso dominical!
Pr'a celebrar o centenário
Foi criada uma comissão,
Que se incumbiu de presidir
À respectiva comemoração.
2010 – Foram cem anos,
Eis agora a data histórica,
Dos nossos republicanos
Para guardar na memória.
De 1910 até agora,
Poucos se lembram da data!
Se perguntarem aos jovens
Nem sabem do que se trata!

E depois de tanta balbúrdia
E de muita, muita, incerteza.
Lá se foi a Monarquia!...
Viva a República Portuguesa!

SOTAM
(Leandro Matos)

■ POESIA LÍRICA

A REPÚBLICA PORTUGUESA FAZ CEM ANOS - 3º PRÉMIO

A nossa República faz cem anos!
desde Outubro de mil novecentos e dez,
teve vários Ministros, vários Presidentes,
alguns militares, outros paisanos,
que governaram este País, de lés-a-lés,
sempre a proteger estas gentes crentes.
Teve lutas, guerras, atentados, revoluções,
e durante quarenta anos, um doutor campónio,
chamado Salazar, Oliveira, o Dr. António,
governou este País, de gente honrada e alguns ladrões.
Em Abril de setenta e quatro, na Revolução dos Cravos,
a República sentiu-se feliz, livre, contente,
com as promessas dos revoltosos militares.
Mas em breve, infelizmente, tudo foi pelos ares.
Chegaram outros políticos e a nossa gente
sentiu-se enganada, por estes profetas falhados.
Agora, ao fazer cem anos, a República quer saber,
onde está a Liberdade, que lhe foi prometida,
onde estão os empregos, melhor saúde, melhor vida,
que os actuais políticos andam diariamente, a prometer.
República, nos teus cem anos, é tempo de dizer “Basta”.
e escolher outros governantes, neste pobre País, sem pasta...

Alexandre Herculano

(Antero Sampaio)

■ POESIA SONETO

O Centenário da República Portuguesa - 1º PRÉMIO

A nossa República, em Outubro, faz cem anos
e os portugueses vão festejar este evento,
não com alegria, festejos, mas com lamento,
de quem está farto de promessas, muitos enganar.

Esta República, centenária, tão velhinha,
que venceu guerras, lutas e revoluções,
está cheia de corruptos, maus políticos, ladrões,
sente-se doente, pobre, triste e fraquinha.

Oh, República! Nestes cem anos, eu te saúdo,
tu que na tua vida, tens suportado tudo,
roubos, lutas, guerras, mortes e traições.

República amiga, escuta! Levanta a tua voz,
voz dum Povo, heróico, lutador, até feroz
e acaba de vez, com esta corja de bandidos, de vilões.

*Guerra Junqueiro
(Antero Sampaio)*

Sangue e Esperança... - 2º PRÉMIO

Um século de República Portuguesa!
Um povo sempre esperando ter Liberdade
E agora, um quinto no limiar da pobreza,
Com desemprego a crescer, uma enormidade!

As Finanças estão muito más, com certeza;
Dizem que é global; que é de toda a Humanidade...
Se os ricos devem pagar a "crise", a avareza
É também a raiz de toda essa maldade...

E o povo lutou sempre contra a Ditadura,
Contra João Franco e depois contra Salazar...
E veio um novo "Rei" a desfazer o Império...

Assassínios, mortes e tanta amargura,
Não sei se será bom vir, aqui, recordar;
Mas Portugal renascerá! Isto é um mistério...

*CIRENEU
(José Miguel Resende Franco)*

Centenário da República Portuguesa - 3º PRÉMIO

Cansado de uma velha monarquia.
Com falta de rumo, sem rei nem roque.
O povo era conduzido — a reboque —.
Por governos de verdadeira anarquia.

As massas populares foram a chama viva.
Alicerçadas na "elite" intelecta, de alta moral.
Denodadas na luta, e, generosas na vitória global.
Proclamada a república, foi a real alternativa.

Esta é a ditosa pátria minha amada!
Que virou república com o seu itinerário.
Com a aura de uma intrepidez ilimitada.

A república portuguesa, com seu rico ideário.
Pelos heróicos combatentes de antanho, nos foi doada.
Neste ano de 2010 perfaz, seu primeiro centenário!

*Arsis
(Francisco Correia dos Santos)*

■ CONTO

Centenário da República Portuguesa – 1º PRÉMIO

Quando completou nove anos, a sua professora da primária ofereceu-lhe um livro – “O Gigante do Castelo Azul”. Foi o seu primeiro livro, que leu repetidas vezes.

Foi, também, o tiro de partida para uma vida de leitura, que nunca mais parou.

Devorava-o um enorme anseio de aprender, de saber.

Um dia, levaram-no a Trás-os-Montes, bem ao centro da Terra Quente. Teria catorze anos, então.

Era o tempo em que, ali, todas as casas tinham as portas abertas e todos eram bem-vindos ao seu interior.

Com outros rapazes locais, entrou na casa daquela a que todos chamavam a Tia Aurora. Senhora de mais de setenta anos, vestia de preto pela sua condição de viúva, era de trato fácil e boa anfitriã.

Na sala grande da sua casa, o retrato antigo dum homem que se via ser também antigo.

O menino, curioso e sedento de saber, perguntou quem era o retratado.

– Pois, é um nosso parente, já falecido há muito, mas que aqui esteve muitas vezes – respondeu a Tia Aurora. E explicou que se tratava do Dr. Alves da Veiga, advogado e dedicado à causa política, o homem que lera a proclamação da República, no dia 31 de Janeiro de 1891, da varanda da Câmara Municipal do Porto.

O menino ficou fascinado.

De regresso ao Minho, logo procurou inteirar-se de tudo o que respeitava à República.

Ficou a saber como ocorrera e porque fracassara o “31 de Janeiro” e como, quase vinte anos depois, a 5 de Outubro de 1910, a República viu, finalmente, a luz do dia, acompanhada de bandeira e hino novos.

Claro que estranhou que alguém tivesse querido acabar com reis e fidalgos, que diziam tanto ter honrado o seu país. E, no livro de História por onde estudara, até se contava que, graças a eles, Portugal vencera todos os inimigos.

Mas, pronto! Se a República ia tornar todos os homens livres, iguais e fraternos, ele até achava bem. Ficou, assim, republicano.

O que, depois, não entendeu, à medida que ia conhecendo o percurso da nascida República, era como foram possíveis aqueles dezasseis anos seguintes de caos, apesar de alguma liberdade, alguma igualdade, mas total ausência de fraternidade.

E lá vieram, em 28 de Maio de 1926, outros homens, que alteraram o caminho do seu país, ainda que sob a capa da mesma República.

Foram quase quarenta anos de menos caos, alguma igualdade, alguma fraternidade, mas total ausência de liberdade.

E estes trocadilhos republicanos é que ele não conseguia compreender.

Mais tarde, em 25 de Abril de 1974, uma terceira vaga de outros homens achou que era tempo de se encontrar outro destino para a sua terra.

O menino de então, agora adulto, acompanhou de perto os acontecimentos. Como até hoje.

E foi vendo, durante trinta e cinco anos, que não regressaram os condes, os viscondes e os marqueses de antes de 1910.

Mas apareceram novos “barões”, cujo objectivo não era obter feudos ou morgadios, mas tão somente viver à grande, sem moral ou preconceitos, certos de que os seus fins justificavam os meios.

O menino que se apixonara pelos ideais republicanos é hoje avô. E, como todos os avôs, sente-se dotado da necessária paciência para responder às perguntas dos seus netos.

Assim, ao chegar a 5 de Outubro de 2010, quando estes o interrogarem sobre o que se comemora naquele dia, o avô vai relatar-lhes uma viagem que fizera a Trás-os-Montes, aos 14 anos, e dizer-lhes que Homens como o do retrato antigo da casa antiga da Tia Aurora já não nascem em Portugal.

LAIO
(José Costa)

■ CONTO

Eu Estive Lá - 2º PRÉMIO

No dia 1 de Fevereiro de 1908, eu estive no Terreiro do Paço, em Lisboa e assisti ao Regicídio.

O Regicídio marcou profundamente a História de Portugal, uma vez que dele resultou a morte do Rei D. Carlos e do seu filho e herdeiro, D. Luís Filipe, marcando o fim da última tentativa séria de reforma da Monarquia Constitucional e, consequentemente, uma nova escalada de violência na vida pública do País.

Tudo começou assim.

O Rei, a Rainha e o príncipe Real, encontravam-se em Vila Viçosa, no Alentejo, onde costumavam passar uma temporada de caça no inverno. O infante D. Manuel havia regressado dias antes, por causa dos seus estudos como aspirante na Marinha.

Dada a situação no País, D. Carlos antecipou o regresso a Lisboa, tomando o comboio, na estação de Vila Viçosa, na manhã do dia 1 de Fevereiro. Com cuidado, para que a sua mãe não se aperceba, o Príncipe Real, armou-se com o seu revólver de oficial do Exército. Durante o caminho o comboio sofreu um breve descarrilamento junto ao nó ferroviário de Casa Branca. Isto provocou um atraso de quase uma hora. A comitiva régia chegou ao Barreiro, no final da tarde, onde tomou o vapor “D. Luís”, com destino ao Terreiro do Paço, em Lisboa, onde desembarcaram na Estação Fluvial Sul e Sueste, por volta das 5 horas da tarde, onde eram esperados por vários membros do governo, incluindo João Franco, além dos Infantes D. Manuel e D. Afonso, o irmão do Rei. Apesar do clima de grande tensão, D. Carlos optou por seguir numa carruagem aberta, envergando o uniforme de Generalíssimo, para demonstrar normalidade. A escolta resumia-se aos batedores protocolares e a um oficial a cavalo, chamado Francisco Figueira Freire, ao lado da carruagem do Rei.

Há pouca gente no Terreiro do Paço... Quando a carruagem circula junto do lado ocidental da Praça, ouve-se um tiro e desencadeia-se o tiroteio. Um homem de barbas, passada a carruagem, dirige-se para o meio da rua, leva à cara a carabina que tinha escondida sob a sua capa, põe o joelho no chão e faz pontaria. O tiro atravessou o pescoço do Rei, matando-o imediatamente. Começou a fusilaria: outros atiradores, em diversos pontos da Praça, atiram sobre a carruagem, que fica crivada de balas.

Toda a gente desatou a correr, em pânico. O condutor da carruagem, Bento Caparica, é atingido numa mão. O primeiro atirador, com uma precisão e um sangue frio mortais, chamado Manuel Buiça, voltou a disparar. O segundo tiro varou o ombro do Rei, cujo corpo descaiu para a direita. Outro atirador, Alfredo Costa, surgiu a correr debaixo das arcadas e, pondo o pé sobre o estribo da carruagem, disparou sobre o corpo do Rei, já tombado.

No meio desta desgraça, a Rainha, já de pé, fustiga-o com a

única arma de que dispunha: um ramo de flores, gritando “Infames! Infames!. Alfredo Costa volta-se para o Príncipe D. Luís Filipe, que se levanta e saca do revólver do bolso do sobretudo, mas é atingido no peito. A bala, de pequeno calibre, não feriu mortalmente o Príncipe que, desfechou ainda quatro tiros rápidos sobre o atacante, que tomba da carruagem. Contudo, D. Luís Filipe, ao levantar-se ficou na linha de tiro do assaltante que atira a matar. Uma bala, de grosso calibre, atingiu o jovem Príncipe, na face esquerda, saindo pela nuca. D. Manuel, ao ver o seu irmão já tombado, tentou estancar o sangue, com um lenço, que logo ficou ensopado.

A fusilaria continuou. A Rainha D. Amélia, permaneceu de pé, gritando por ajuda, enquanto os regicidas eram imobilizados e abatidos no local. Constatou-se que Alfredo Costa estaria moribundo, mas sabe-se que Manuel Buiça, mesmo ferido, resistiu à sua apreensão pela polícia.

Entretanto, a carruagem procurou refúgio na Rua do Arsenal, entrou nas instalações do Arsenal da Marinha, onde é verificado o óbito do Rei e do Herdeiro do Trono. Aqui, a mãe de D. Carlos, a Rainha D. Maria Pia, ao encontrar a Rainha D. Amélia, disse-lhes estas palavras: “Mataram o meu filho., ao que esta respondeu: “E o meu também”.

Soube-se, mais tarde, que naquela noite, levaram os corpos para o Palácio das Necessidades, onde foram embalsamados, sob a supervisão do médico da Casa Real, D. Thomaz de Mello Breyner.

O governo de João Franco, depois deste regicídio, efectuou um rigoroso inquérito que, passados dois anos..., apurou que o atentado fora cometido por membros da Carbonária, que pretendia enfraquecer a Monarquia. O processo estava concluído, nas vésperas do dia 5 de Outubro... e o começo do processo judicial estava marcado para 25 do mesmo mês! Entretanto, tinham sido descobertos mais suspeitos do assassinato como Alberto Costa, Virgílio de Sá e outros.

Dizem que, logo a seguir à Proclamação da República, o Juiz Almeida e Azevedo entregou o referido processo ao Dr. José Barbosa, membro do Governo Provisório que o levou a Afonso Costa, Ministro da Justiça. Depois... perdeu-se o rasto do documento. Sabe-se que, D. Manuel II, no exílio, recebeu uma cópia facultada por um dos juizes, mas mesmo essa desapareceu...

Quanto às consequências, toda a Europa ficou revoltada. Jornais de todo o mundo, publicaram, imagens do atentado e o Rei da Inglaterra, Eduardo VII, amigo do Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luís Filipe, com aquele orgulho britânico, afirmou: “Matam dois cavaleiros da Ordem da Jarreteira, na rua, como cães e lá no País deles, ninguém se importa!...”

*Aquilino Ribeiro
(Antero Sampaio)*

■ ENSAIO

Centenário da República Portuguesa - 1º PRÉMIO

Que motivos levaram um Povo com um regime de governo com 767 anos, sem ter conhecido outro modelo de governação, a substituir a Monarquia Constitucional pela República?

A resposta exaustiva a esta questão ultrapassaria os limites formais deste ensaio.

Seleccionamos factos substantivos que nos permitam compreender um acontecimento que, por uma, por outra, ou, por várias razões, teve repercussões em todo o Portugal.

A 5 de Outubro de 1910, em Lisboa, da varanda da Câmara Municipal, foi anunciada a implantação da República.

Comunicação oralmente transmitida na Capital, telegrafada para o resto do País.

Apar um rei para lá colocar um presidente eleito, não se faz apenas com uma declaração às massas. A mudança de regime foi imposta de forma revolucionária, envolvendo forças do Exército e da Marinha. A 4 de Outubro, em Lisboa, militares revoltosos entrincheiraram-se na Rotunda e desencadearam a insurreição que, com um início hesitante e confuso, acabou por triunfar no dia seguinte.

A Monarquia não teve quem a defendesse, nem política, nem militarmente.

O Exército, à época, não era um corpo bem preparado e unido, atente-se no facto de que o serviço militar podia ser remido em dinheiro e poder-se-á concluir que a maioria dos mancebos incorporados era de baixa condição económica, social e cultural. A Marinha, força militar mais independente, estava mal apetrechada mas tinha uma oficialidade quase totalmente republicana.

Politicamente, os próprios monárquicos estavam convencidos que D. Manuel II era incapaz de impedir a pressão dos republicanos. Na tarde desse 5 de Outubro, a Família Real, em fuga, embarcava na praia da Ericeira com destino ao exílio em Inglaterra – El-Rei tinha vinte anos de idade.

A revolta não nasceu de forma espontânea.

A implantação da república em Espanha, em 1868, e na França, em 1870, fortaleceu as ideias republicanas que tinham surgido, em Portugal, no segundo quartel do século XIX.

O movimento republicano foi capitalizando, a seu favor, acontecimentos políticos e sociais com impacto popular importante:

- O recurso, pelo governo monárquico, a tropas estrangeiras para resolver a chamada guerra civil da Patuleia; a cedência do Rei às imposições da Inglaterra no problema do Ultimato de 1890 (os republicanos acusavam o Rei de ter provocado o Ultimato, ao apresentar o Mapa Cor de Rosa sem consulta prévia à Inglaterra); a sangrenta repressão da revolta militar a 31 de Janeiro de 1891, no Porto, com dezenas de mortos e centenas de julgamentos sumários com penas pesadas; o carrossel político entre ministérios do Partido Regenerador e do Partido Progressista, revezando-se no Governo sem nada resolverem; uma taxa de analfabetismo de 75,1%; a falta de esperança da população em dias melhores; a sucessão de greves laborais; uma classe média que definhava e perdia a confiança no sistema, sobretudo após a falência do Crédito Predial Português administrado por figuras políticas relevantes da Monarquia e, finalmente, a Ditadura de João Franco que, provavalmente, acicatou radicalismos que culminaram no Regicídio.

Citemos Basílio Teles, ilustre pensador republicano: “A Monarquia em Portugal tem sido isto: a incompetência, o impudor, a opressão. A estes três artigos de fé compreende-se que não houvesse senão um acto de caridade a contrapor por homens que não viam ideias a combater, mas atentados a punir – a demolição sumária do regime”.

Proclamada a República, ficou o País entregue a um Governo

Provisório até ser elaborada nova constituição.

O Governo Provisório teve uma actividade intensa que, provavelmente, se repercutiu na actuação dos sucessivos governos até 1926.

Leis importantíssimas foram decretadas nomeadamente sobre:

- a família e o divórcio
- greves e lock out, bem como protecção e previdência dos trabalhadores
- liberdade de imprensa
- restabelecimento do Código Administrativo de 1878
- criação da nova moeda, o Escudo
- instituição do Hino Nacional e da bandeira verde e vermelha como símbolos nacionais
- crédito agrícola
- legislação relativa a crimes contra a Religião
- separação da Igreja e do Estado
- estatização dos bens do clero
- instrução oficial livre e escolaridade obrigatória entre os sete e dez anos
- criação das Universidades de Lisboa e Porto
- criação da Faculdade de Direito de Lisboa.

O esforço do Governo Provisório foi considerável se recordarmos que os monárquicos acusavam os republicanos de não terem qualquer programa para o País e, citando A. H. de Oliveira Marques, “*Ser republicano, por 1890, 1900 ou 1910, queria dizer ser contra a Monarquia, contra a Igreja e os Jesuítas, contra a corrupção política e os partidos monárquicos, contra os grupos oligárquicos. Mas a favor de quê?*”.

Acontece que o Republicanismo evoluiu rapidamente perante problemas que a realidade do dia-a-dia expunha.

Em Agosto de 1911, a primeira Constituição republicana foi aprovada.

O Partido Republicano cindira-se em três facções: Partido Democrático, Partido Evolucionista e Partido Unionista que consubstanciavam vontades políticas divergentes na prática que iam desde o radicalismo impaciente ao reformismo conciliador.

O Partido Democrático, chefiado por Afonso Costa, era o de mais alargada implantação popular.

A luta política inter-partidária foi uma constante da realidade nacional nos anos que se seguiram, com uma fugaz acalmia motivada pela entrada de Portugal na I Guerra Mundial.

Durante cerca de 16 anos, após a queda da Monarquia, eventos e situações importantes marcaram a vida do Povo Português:

- entrada na guerra para assegurar a posse das colónias africanas que, previa-se, seriam repartidas pelos vencedores da contenda (citando José Mattoso – “*Afonso XIII, rei de Espanha, em Fevereiro de 1913 avisou o embaixador britânico Hardinge, de visita a Madrid, de que se a Inglaterra e a Alemanha partilhassem as colónias de Portugal, a Espanha exigiria como contrapartida o território metropolitano português*”)
- golpe revolucionário de Sidónio Pais, em 1917, que impôs uma ditadura de curta duração em que se fez eleger Presidente por decreto e que terminou em 1918 com o seu assassinato
- tentativa de reposição da Monarquia (a monarquia do Norte) no Porto, sem êxito
- assassinios políticos em 1921, durante a chamada *noite sangrenta*
- após a guerra, desvalorização acentuada da moeda com perdas dos salários reais
- greves operárias com frequentes confrontações violentas com as autoridades
- insegurança social

(continua)

■ ENSAIO

- instabilidade política — só em 1920 houve oito alterações do Governo
- golpe militar, em 28 de Maio de 1926, do general Gomes da Costa que marchou sobre Lisboa, provocou a renúncia do Presidente da República e iniciou a ditadura militar até 1933 (em Fevereiro de 1927 houve um golpe militar contra a ditadura que foi derrotado após luta violenta, o que fez endurecer a repressão ditatorial).

Em 1933 foi aprovada nova Constituição.

Começou o Estado Novo, um regime autoritário e conservador.

Os partidos políticos não foram permitidos, criou-se a União Nacional para quem quisesse **intervir** politicamente.

Qualquer oposição ao regime era perseguida, a censura prévia à imprensa imposta pela ditadura militar nunca foi levantada, deixou de haver vida partidária, os quadros republicanos foram ostracizados, a renovação ideológica do novo regime cristalizou-se sem hipótese de abertura natural às transformações inelutáveis das sociedades, criaram-se colónias para presos políticos e opositores ao regime e instituiu-se a polícia política.

O responsável do Governo foi António de Oliveira Salazar, até 1968, seguindo-se Marcelo Caetano até 1974.

A Presidência da República esteve entregue a três militares: General Carmona, General Craveiro Lopes e o Almirante Américo Tomás, este último afastado pela Revolução dos Cravos.

Em mais de quatro décadas de Estado Novo, o Governo do País impôs-se de forma autoritária e repressiva, sem qualquer abertura ao diálogo.

Procedeu à reorganização da administração, realizou reformas financeiras e tributárias, lançou obras públicas e planos de fomento que permitiram melhoria da rede de estradas, construção de pontes e barragens hidroeléctricas, de escolas do Ensino Primário (o chamado Plano dos Centenários).

O produto interno bruto foi subindo devagar, sobretudo devido às indústrias metalúrgicas e químicas.

A agricultura pouco ou nada evoluiu.

A educação era vista como um factor de socialização, o que não agradava a um regime autoritário, pelo que, a qualquer nível, procurou-se subordinar as consciências e controlar os indivíduos.

A II Guerra Mundial trouxe ganhos ao Estado Novo e a balança comercial teve saldo positivo nos anos de 1940 a 1943: Portugal exportou volfrâmio tão necessário à indústria da guerra.

A emigração nos anos 60 do século XX pesou, de diversos modos sobre o País:

- despovoamento de certas áreas, alteração dos salários por falta de mão-de-obra, remessa de divisas.

O Exército foi reorganizado e reequipado.

A paz social interna, desejada nos anos que se seguiram a 1910, era, no Estado Novo, imposta, sufocante.

Cresceu a oposição ao regime, após o fim da guerra e com a vitória dos Aliados esperou-se uma abertura que não se verificou e, pelo contrário, Portugal começou a ficar internacionalmente isolado.

Recrudescceu o problema das colónias, com a comunidade internacional virada para a autodeterminação de todos os povos, realidade que o Estado Novo, “*orgulhosamente só*”, persistia em não vislumbrar.

Em Abril de 1974, as Forças Armadas derrubaram facilmente um regime minado pelo vírus da cegueira política e criaram condições para o Povo Português poder viver em Democracia: entregaram-lhe o seu destino nas suas próprias mãos.

Todos nós passámos a desfrutar do privilégio (que nos era negado) de sermos livremente elementos interessados e interventivos na República Portuguesa.

Mais uma vez, tal como em 1910, deparou-se-nos a oportunidade de iniciarmos um novo caminho em direcção ao futuro.

As etapas sucessivas do tempo chamado presente, foram fluindo inexoravelmente e, agora, a República tem cem anos.

Andamos a falar do CENTENÁRIO DA REPÚBLICA.

A palavra *centenário*, entre várias acepções que assume, inclui *comemoração secular*.

Interrogo-me: - Há motivos para *comemorar* o Centenário da República?

É difícil falar dum período em que muitos de nós estivemos envolvidos - voluntariamente, forçados ou comodamente *indiferentes*, não importa, fomos actores de muitos acontecimentos, ao longo de várias décadas. Falta distanciamento temporal para um enfoque isento sobre mais de meio século da nossa República Centenária, mas ocorre-me uma citação de Marcus Tullius Cícero¹:

“Entendo que os chefes devem reconduzir tudo a este princípio: aqueles que eles governam devem ser tão felizes quanto possível”.

Volto a questionar-me: - Temos sido, somos, tão felizes quanto possível com os nossos Chefes Republicanos?

É esta a República que queremos?

Estamos satisfeitos?

Respondo por mim, cidadão vulgar desta República: . Não estou satisfeito e não vejo motivos para *comemorar*, no sentido de *festejar*, o CENTENÁRIO DA REPÚBLICA.

Há, isso sim, milhentas razões para, trazendo à memória o século decorrido, metermos profundamente a mão na nossa consciência colectiva e fazermos um exame introspectivo da nossa existência como Povo: - Decorreram cem anos após o 5 de Outubro de 1910, assim como 867 anos sobre o Tratado de Zamora, assinado, também a 5 de Outubro, mas de 1143 e que marca o início de Portugal.

O que se faz numa república e não pode realizar-se numa monarquia?

República e monarquia são, tão só, formas de governo, nunca deverão ser desculpa ou, sequer, atenuante.

O tipo de regime governamental dum povo não determina o seu destino.

É o povo que, em monarquia ou república, tem de determinar o seu destino.

Atentemos nas sábias palavras de Séneca²:

“Não há vento favorável para quem não sabe para onde se dirige”.

Somos o que somos, um Povo multissecular corajoso e com enorme capacidade de sofrimento, autores de façanhas impróprias da nossa pequenez, mas, infelizmente, sem coordenadas definidas.

Continuamos sem timoneiros à altura, são os marinheiros que suportam todas as manobras para manter à tona da água esta nave chamada Portugal.

A REPÚBLICA faz cem anos.

E depois?!

Diamante
(Mário Caldeira Pedra)

1 - Político e filósofo romano (106 a.C. – 43 a.C.)

2 - Filósofo e escritor romano (4 a.C. – 65)

Bibliografia:

Breve História de Portugal de A. H. de Oliveira Marques

História de Portugal de José Mattoso

■ ENSAIO

Como acontece o Centenário da República Portuguesa – 2º PRÉMIO

A 31 de Janeiro de 1891, deu-se a primeira tentativa de instauração do Regime Republicano com a revolta ocorrida contra a Coroa Portuguesa e devido à situação económica, financeira e política em que o País se encontrava.

À frente deste movimento, conhecido por “Revolta do Porto” estiveram várias figuras influentes da época, todos de ideias republicanas, tais como João Chagas e muitos outros.

A revolta tomou forma na actual Praça da República onde está instalado o Regimento de Infantaria 18 e daí saíram para a actual Praça da Liberdade onde foi hasteada a bandeira vermelha e verde. A Guarda Municipal interromperia porém, o movimento de alcançar os seus objectivos.

Até 1910 intensificaram-se diversos movimentos culminando na mudança de regime ocorrido a 5 de Outubro de 1910. Aqui não vou falar dos vários episódios conspiratórios que deram origem às mais variadas situações de traições, prisões e assassinatos. Teria de contar a história mais pormenorizadamente e seria fastidioso.

Entretanto, foi constituído um Governo Provisório com as pessoas mais credenciadas da época e pertencentes ao partido republicano. Presidiu a esse Governo Teófilo Braga.

A partir daí foram tomadas medidas, tais como a dissolução dos partidos monárquicos, a proibição da constituição de partidos defensores daquele regime, bem com quaisquer associações do género.

À parte destes decretos impostos, coube a este governo promover uma assembleia constituinte que elaborasse uma nova constituição, enquanto se foi mantendo até a aprovação desta. Os votantes para o parlamento só podiam ser pessoas letradas e a eleição dos deputados foi feita pelo método de hont, como ainda hoje se usa.

Posto isto, e sem aprofundar muito mais, poderá dizer-se que a passagem, em 2010 de um século sobre a implantação da República Portuguesa, é uma ocasião para evocar as principais aspirações das gerações que se empenharam em promover e realizar as grandes causas da participação e desenvolvimento do País.

O Centenário originará desejavelmente múltiplas formas de celebração com origem nas mais diversas instituições. Nas escolas por exemplo. Convenhamos que muitos dos nossos jovens ignoram a data de 5 de Outubro e o que ela representa, como aliás acontece com muitas outras datas da nossa história!

Procurando assegurar que tais iniciativas tenham um âmbito Nacional e a necessária coordenação, foi criada Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

Ao longo das comemorações do Centenário, a República deve, quanto a mim, ser um tema forte nas escolas, promovendo-se a sua criatividade e o seu dinamismo, quer no âmbito das disciplinas, quer em actividades extracurriculares de carácter cultural e recreativo.

O programar a “República nas Escolas”, visaria promover a realização de iniciativas e de actividades comemorativas do Centenário da República, apelando à divulgação de informação histórica, à reflexão e ao debate dos ideais republicanos nas escolas dos diferentes níveis educativos, envolvendo alunos, professores, pais e encarregados de educação.

As actividades desenvolvidas reflectir-se-ão para lá do espaço da escola, envolvendo bibliotecas públicas, na medida em que estão ligadas às bibliotecas escolares, e organizações culturais e cívicas que se propunham articular as suas iniciativas com o programa do Centenário através do eixo programático “República nas Escolas”.

As iniciativas a desenvolver nas escolas e nas bibliotecas deverão suscitar o estabelecimento de parcerias e o envolvimento e o apoio das autarquias locais, visando sobretudo:

- Comemorar o Centenário da República, associando-o às características próprias do regime republicano e aos valores da cidadania numa sociedade democrática;
- Aprofundar o conhecimento dos acontecimentos relevantes na implantação da República e nas várias etapas do processo histórico que marcaram a evolução da sociedade portuguesa até à época actual;
- Conhecer e apreciar valores cívicos presentes na acção de figuras históricas determinantes na implantação da república e na consolidação do regime republicano e da democracia;
- Conhecer e apreciar obras de escritores, artistas plásticos, músicos, cientistas e outras personalidades que reflectiram ou influenciaram o ambiente cultural da época em que viveram.

E muitos mais eventos de carácter educativo se poderia acrescentar. Para além das escolas, a comunicação social teria também um excelente papel a desempenhar, bem como a televisão. Pedagogicamente conseguiriam chegar muito mais rapidamente, sobretudo aos jovens e, porque não dizê-lo, a muitos portugueses seguramente esquecidos e alheios a tudo isto.

Viva a República Portuguesa e o seu Centenário

SOTAM
(Leandro Matos)

■ ENSAIO

O Republicanismo – 3º PRÉMIO

Para falarmos no Centenário da República Portuguesa, creio que seria útil falarmos do Republicanismo.

Se pretendermos caracterizar, com clareza e a distinção possíveis, o republicanismo português, encontrar-nos-emos, ante um problema de difícil abordagem. Pela sua natureza, o fenómeno ideológico republicano, esquiva-se à análise, na medida em que se nos apresenta, como uma contraditória aspiração da consciência burguesa, que se diria revoltada contra a sua mesma condição. Aspiração essa que, em boa verdade, se concretizou muitas vezes, em reptos líricos, em declarações enfáticas, porém raramente e só a partir de certo momento, num sistema articulado de ideias e intenções.

Para perscrutar o sentido mais fundo do republicanismo, há que situá-lo no seu contexto histórico português, ou seja, nas suas relações umbilicais com o liberalismo. Nesta perspectiva, afigura-se legítima a asserção de que o republicanismo português já existia, latente, na corrente esquerdista das Cortes Gerais, em 1820, assim como, na ideologia setembrista, a partir de 1836 e na rebelião patuleia (1846/47). Porém, ele é originário, matricialmente e no contexto europeu, da tríade, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que a Revolução Francesa, (1789) tornou estandarte das esperanças progressistas, no decurso do século XIX. Não só em Portugal, como também na Espanha, como na própria França, a aspiração ou experiência republicana, decorrem, logicamente, do inicial carácter revolucionário, assumido pelo ideário burguês, no dismantelamento do antigo regime. Por isso, a “monarquia constitucional”, oriunda do modelo francês, se revelou, como um compromisso mais ou menos estável, condenada a parecer, logo que e sempre que, o liberalismo – ou melhor, a esquerda liberal – buscou reequacionar os problemas nacionais, consoante a tríade revolucionária, na força e na integridade do seu ímpeto de origem. Foi o que ocorreu em França com as repúblicas de 1848 e 1870, em Espanha, em 1868 e em Portugal, a partir de 1848/51, quando

principia a conceber-se a “regeneração” do regime liberal, institucionalizado, mediante a República, almejada como panaceia política, para os males gerais da Pátria. Na verdade, como observou o Prof. Joaquim de Carvalho, “o sentimento republicano nasceu como reacção contra a imobilidade, insubstancial em que dacaira a ideologia e a política cartistas ou melhor, “o republicanismo português nasceu das degenerações e estreitezas da política cartista, em condições tais que no-lo apresentam, como o herdeiro do liberalismo”.

Eis como exprimia Antero (1870), bardo da “ideia nova”, a vivência republicana da sua geração: a revolução “domina”, com a ubiquidade do destino, a humanidade contemporânea e sob várias formas e vários nomes a penetra por todos os lados. É a renovação universal dos espíritos e das sociedades. No mundo dos pensamentos, chama-se filosofia; no das consciências, liberdade religiosa; no mundo dos factos sociais, o seu nome é democracia e república. Assim a República deixa de ser uma instituição particular e circunscrita, para se tornar a forma compreensiva de toda a substância social e o símbolo visível da Revolução. É mais do que uma palavra; é um credo; mais do que uma bandeira; é um pendão, (jornal A República de 11 de Maio de 1870). Também Henrique Nogueira, discípulo de Silvestre Pinheiro Ferreira e de Herculano, assim como de Fourier e de Lois Blanc, no que diz respeito directamente à aspiração política do republicanismo, expressa-a por este modo: “quisera que, num país como o nosso, emancipado por cruentos esforços da tutela humilhante, egoísta e sanguinária da monarquia absoluta, cansado do regime espoliador, traiçoeiro e faccioso da monarquia constitucional, necessitado de restaurar as forças perdidas em lutas estéreis e de cicatrizes feridas, que ainda gotejam, ávido, enfim, de gozar as doçuras da liberdade, porque tanto há sofrido, o governo do Estado fosse feito pelo povo e para o povo, sobre a forma nobre, filosófica e prestigiosa de REPÚBLICA.

(continua)

■ ENSAIO

Em 1880, o programa do então criado Partido Republicano Unitário, cinge-se a reivindicações de carácter exclusivamente político — igualdade civil e política, liberdade em todas as suas manifestações; governo do povo e pelo povo; justiça democrática. Em boa verdade, a partir deste momento, o republicanismo é tão só um liberalismo que, buscando incorporar uma mística patriótica ou remoçá-la, concebe a “ideia dum ressurgir da Pátria Portuguesa”, mediante um “governo do povo, pelo povo”. E bem se poderá afirmar que, nas mentes de um Teófilo Braga, de um Sampaio Bruno ou de um Basílio Teles, esse é, afinal, o sonho político maior que emociona a sua insistente e diuturna propaganda: acabar com a Monarquia; encerrar um caminho e abrir outro, ao lado, pelo qual o liberalismo pudesse vir a assumir carácter democrático e, portanto, efectiva e integralmente nacional. A monarquia, em Portugal, considerava Basílio Teles, tem sido isto: a incompetência, o impudor, a opressão.

Mas, foram as comemorações dos centenários de Camões (1880) e do Marquês de Pombal (1882), a questão colonial e sobretudo, o Ultimato Inglês (1890), insulto à imagem histórica do País, que levou o povo português a engrossar de afogadilho as fileiras do Partido Republicano, num acto de esperança e de quimérico esforço. Depois, é o estremeção de 31 de Janeiro de 1891 e, em 5 de Outubro de 1910 (faz neste ano de 2010, cem anos), volvidos quase vinte anos, a vitória republicana tão almejada, mas tão serôdia, que se diria uma esperança já malograda. E, se, na verdade, a questão colonial (a partir da década de 1880) foi um dos estribilhos mais insistentes da propaganda republicana, isso evidencia quanto o problema sensibilizava ainda a grei portuguesa, que não lograva, devido ao peso da história da sua Pátria, separar o projecto regenerador do sonho do regresso a passadas glórias: Heróis do mar, nobre povo, / Nação valente e imortal / Levantai hoje de novo / o esplendor de Portugal. Assim principia o Hino A PORTUGUESA, cujos acordes começam a ouvir-

se em 1890, aquando da agitação suscitada pelo Ultimato. E foi ao “clamor metálico” do Hino, (Sampaio Bruno), bem expressivo da aspiração republicana, que, em 31 de Janeiro de Janeiro de 1891, os corpos militares revoltados no Porto, se dirigiram, pela calada da noite, para o Campo de Santo Ovídio, na esperança de colherem o fruto que, de tão maduro, julgavam estar eminente — a queda do regime monárquico, considerada indispensável para levantar “de novo o esplendor de Portugal”. Na verdade, A PORTUGUESA, (na evocação já longínqua de A MARSELHESA...) cristaliza, nos belos acordes de Alfredo Keil, a vivência maior da consciência republicana. O que ela pretende, sobretudo, é uma nova regeneração da Pátria, enxovalhada por falsas e pretensas regenerações anteriores. Por isso, busca trilhar a via da liberdade democrática, chamando às responsabilidades efectivas da cidadania dum povo adormecido, como que à margem do tempo. E eis que logo principia o drama que Basílio Teles, já pressentia em 1905: (...) o nosso povo, o das cidades, pelo menos, desejava e deseja ainda, ver a república implantada em Portugal. Mas quer? É duvidoso. Ora, observava Sampaio Bruno, um republicano ilustre, como podia querer a República ou a própria Monarquia, um povo, cuja “ignorância é infelizmente incontestável?” E prossegue: “o povo existe. O que é preciso é educá-lo”. Mas, aqui urge não nos iludir com o lema, porque a educação dum povo faz-se conferindo os direitos públicos a esse mesmo povo. Ele aprende, usando e só assim. Logo, era necessário, urgente, vital ao democratismo latente do republicanismo que o povo aprendesse a liberdade, usando-a.

Passados cem anos, as palavras de Sampaio Bruno, são muito actuais: “o que é preciso é educar este povo deste jardim à beira-mar plantado, que se chama Portugal.”

Oliveira Martins

(Antero Sampaio)

XI JOGOS FLORAIS 2010

■ POESIA LÍRICA - actuais alunos da Escola Secundária de Monserrate

POESIA - 1º PRÉMIO

Sobre a roda raiada do coche
Jazia a monarquia:
pai, filho, Rei Manuel...

E do sangue da calçada,
Resquícoas da realeza,
a república nascia,

Ideais,
Almas de gente cansada,
fúria
que busca um povo soberano,
Dono do seu futuro.

Um futuro de esperança,
de aflição e dor
sangue,
perseguições,
suor.

Que revoluções vos destes republicanos?
Anos de fugas,
esconderijos e silêncios.
Bocas famintas,
Corpos sem forma.
Exangues,
Buscando do chão seu pão.
Vigilantes de bocas amordaçando
Gritos nas guerras. Colonos sem cor,
Colonizadores santificados,
Revoluções em cravos
Com cravos, de cravos...

E agora,
Indiferenciados democratas,
Pedintes de um mundo
Mãos estendidas
Com saudades do mesmo futuro
Que há cem anos
Vos fez republicanos.

Mariana Santos, Nº16, 12ºE

Um Século de Voz - 2º PRÉMIO

A força das armas dá voz
À fraqueza inocente dos homens...

Foi "bum"...
Pequenos voadores metalizados ziguezagueado.
É Portugal do povo e da guerra, unido!
É o sangue, o suor e as lágrimas da revolta!

Foi "bum"...
O fim do silêncio daqueles cuja boca
Apenas serve para que a comida não entre,
E a revolta seja sufocada...

A República de Portugal que se erguia,
Paulatinamente, sobre cartuchos usados.
Uma melodia ruidosa, um grito de
Esperança tímida e trémula, mas teimosa!

Um século passado,
O grito outrora sufocado é livre,
Os homens outrora fracos são fortes,
Porém, o ruído que era melodia
É hoje melodia que soa a ruído...

Virginia Sofia Laranjeira Barbosa

Ano/Turma: 12º E, Nº: 22

República - 3º PRÉMIO

Chegaste,
Cândida e pura,
Peitos desnudados e firmes, voluptuosa,
Transpirando liberdade,
Justiça,
Cidadania,
Coragem,
Esforço,
Ideais, ideais.
Chegaste para servir.
Eu acreditei.
Cresceste.
Teu peito foste escondendo,
Tua candura, tua pureza...
Interesses obscuros,
Corrupção,
Silêncios,
Hipocrisias,
Condicionamentos,
Intimidações,
Arrogância,
Opressão...
Mas amanhã nascerá um novo dia!

Acreditei... E continuo a creditar!

Inês Queirós Ribeiro, Nº9, 12ºE

■ CONTO - actuais alunos da Escola Secundária de Monserrate

Viva a República - 1º PRÉMIO

Dez da manhã, mais uma aula de história. Miguel esforça-se por manter a atenção, sabe que tem de subir a miserável nota... Mas aqueles discursos monocórdicos do professor Agostinho são a perfeita canção de embalar para o colossal sono que o arrasa. Inspira, consciencializa-se e presta atenção ao professor. Este recosta-se na cadeira, olha intensamente para a plateia de olhinhos caídos... Concentra-se num alvo: "Pedro, aula de História! Abre esses olhos, e ouve o que te vou contar. Um dia vais-me agradecer por isso, rapaz!" Alvo escolhido. Miguel sorri. Hoje é o Pedro quem terá de acenar afirmativamente a cada frase do professor Agostinho. Miguel descontrai. O professor começa o seu interminável diálogo:

"Era uma vez um tempo de palácios e de reis... O Sol resplandecia no Tejo. O frio sussurrava "Outubro". Eu vos acrescento: Outubro de 1910!

Portugal estava definido em dois pólos industriais: Porto e Lisboa. Todos os outros quilómetros quadrados de terreno estavam destinados à agricultura. Um povo pobre lamentava-se. Um povo miserável batia-se de sol a sol. Um pão alimentava uma família. Era o reinado de D. Manuel II e uma trágica crise tinha-se infiltrado nos poros daquele país cansado. A revolta estava a consumir-se. Em Lisboa, as ruas eram um emaranhado de conspirações. Em todas as esquinas as pedras adormecidas sussurravam..."

- REPÚBLICA!

Miguel olha em redor: uma multidão enérgica afoga-o. Alguém lhe puxa o braço, arrastando-o até um beco sem sombra de vida. Encontra-se frente a frente com um velho de longas barbas brancas. O seu desgastado casaco tem uma mancha de sujidade que deve contar tantos anos como o do velho senhor. É um vulto estranho este que o observa, mas não mais estranho do que este lugar sombrio, este eco vivaz que invade os seus tímpanos. "Mantém-te atento, rapaz! Não te afastes.", sussurra-lhe o velho. Miguel aguarda por uma explicação: o que se passa, que lugar é este, quem é este homem? Talvez porque as palavras sejam caras e custosas em tempos revoltos, e a acção seja a rainha implacável destes momentos, o velho vira-se bruscamente e corre na direcção do grito gorgolejante. Perdido, Miguel agarra-se a ele, a sua única voz de esperança em todo aquele caloroso murmúrio.

A multidão engole-os no seu movimento, e, inevitavelmente, são arrastados. A rua é estreita, os edifícios são, estranhamente, novos. Mas o jovem reconhece aquele lugar: o seu livro de História contém uma foto com aqueles mesmos edifícios, porém um pouco mais degradados. Aquela é uma rua de Lisboa, segundo a legenda reiterada uns dias antes pelo professor Agostinho.

Tudo se desenrola num movimento ritmado: a multidão avança, os tambores ecoam, um grito clama: REPÚBLICA! E aquela serpente de gente abre-se num imenso mar agitado. Mais uma vez, aquele espaço é familiar a Miguel, e, de facto, é graças ao professor Agostinho que sabe estar no Rossio.

A multidão estaca, nunca cessando de sibilar aquela palavra mágica: República. O velho aproxima-se de Miguel: "A monarquia caiu! O rei fugiu para Inglaterra, maldito D. Manuel III!" O jovem permanece petrificado, olhando para a imensidão de branco que corria da face daquele homem. "Miúdos... Sempre o mesmo! Mas olha lá rapaz, deves ser mesmo de for a... Como é possível que não saibas o que se está a passar hoje aqui? É uma revolução! O povo fartou-se da família real. Aqui os desgraçados trabalham e eles lá é que governam o dinheiro, geração atrás de geração. Ora meu jovem, de hoje em diante o povo votará no governador da nação, no Presidente da República. Morte à monarquia! Viva a República!"

Miguel sorri perante a cara de felicidade do velho. Sorri perante a felicidade que aquela multidão transpira diante de si. Também ele grita a plenos pulmões: VIVA A REPÚBLICA! E aquele grito transforma-se num maravilhoso rugido da pátria. Tudo o que é edifício range ao sabor daquela brisa de vitória. O sol brilha e o Tejo bate palmas ao som de...

- VIVA A REPÚBLICA!

Estranhamente, um silêncio assustador apodera-se de Miguel. Onde estaria toda aquela vivaz multidão? E o velho, abandonara-o? Olha em redor. Espanta-se ao ver que vários pares de olhos estão pousados em si. Uns olhos arregalados, não se sabe se de espanto, curiosidade ou mesmo medo. Porque não gritaram eles consigo: viva a república? Ouve uns pesados passos na sua direcção. Numa fracção de segundos, apercebe-se estar na sua sala de aula. E aquela era a sua aula de História. Umas mãos puxam-lhe pela camisola com tanta força que ele fica firmemente encostado na cadeira. Colados aos seus estão uns grandes olhos negros. A boca deste enorme ser encontra-se sob uma barbicha gelidamente branca. Após uns longos segundos a fixar os seus olhos, o vulto afasta-se uns centímetros e range: "Gosto do teu entusiasmo com esta matéria, Miguel. Mas escusado seria gritares na minha aula, certo?" Extasiado, Miguel vê o professor Agostinho esboçar um leve sorriso enquanto lhe pisca o olho.

A campanha toca. Todos se levantam e saem da sala. Miguel corre para for a dela. Está muito confuso... A cabeça lateja à medida que ele tenta encaixar cada fragmento vivido na hora e meia anterior. E é num latejar destes que se lembra duns olhos negros e duma longa barba branca. O velho do seu sonho. Tem saudades dele... Subitamente, recorda-se da figura imperiosa do professor Agostinho. Os olhos, a barba, o seu timbre. Fica atónito. O velho era o professor Agostinho. Começa a rir compulsivamente, contorce-se e cai no chão a rir. Pois então o tenebroso professor Agostinho era o seu amigo do sonho! Haveria alguém mais estranho para se levar para um sonho do que o conservador professor Agostinho?! De facto, teria de lhe agradecer por aquele momento fantástico que passou de olhos fechados e com o inconsciente liberto, na sua própria aula de História.

Ana Luísa Bacelar Corte Real



economy

o seu negócio em boas mãos



Contabilidade
Organização e Tratamento de Dados

Quem se revê?
Quem os conhece?

Escola Comercial
VS
Externato Cardeal Saraiva
Junho de 1962
Estádio Dr. José de Matos
Viana do Castelo

RECORDANDO

Protagonistas: Da esquerda para a direita (de pé): Carlos Reis; Manuel Laranjeira; Berto Moura; Salvador; João Rodrigues e Armindo Esperança.
Pela mesma ordem (em baixo): Ângelo Reis (Falecido); Manuel Vaz; António Cavaleiro; Zeca Marinho e Fernando Castro e Sousa.

Foto de Arquivo: Enviado pelo grande Amigo, Fernando Castro e Sousa.

04 de Junho de 1965.



04 de Junho de 1965.



solincaTM

HEALTH & FITNESS Club



solinca
HEALTH & FITNESS Club

Sabemos que o pleno bem-estar é composto pelo equilíbrio entre o corpo a mente e o espírito. Os nossos terapeutas, cuidadosamente seleccionados, vão transformar o seu programa de wellness, numa experiência inesquecível de relaxamento e bem-estar.

Compreendemos que a pressão a que estamos sujeitos no dia a dia, promove, no nosso organismo, desequilíbrios orgânicos vários que, por sua vez, condicionam o alcance de um estilo de vida saudável e feliz.

piscina

ginásio

spa

PROTOCOLO SOLINCA /AAETEC

solinca 97 % DESCONTO NA JÓIA DE INSCRIÇÃO

solinca 20 % DESCONTO NAS MENSALIDADES

**Condições válidas para associados e seus familiares directos
(apresentação de cartão com quota actualizada)**

Contactos: 937 571 310 / 258 800 330



**ESTAÇÃO
VIANA**
S H O P P I N G

Faz parte de si



**GANHE
COM O
CARTÃO
ESTAÇÃO
VIANA**



13^A ARTEMAIO



Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo

ESTAÇÃO VIANA SHOPPING
(Praça Central)

14 a 22 de MAIO de 2011

Exposição: Pintura, Desenho, Escultura e outras Artes



CÂMARA MUNICIPAL
DE VIANA DO CASTELO



GOVERNO CIVIL
DE VIANA DO CASTELO